

LUZ DA ESTAÇÃO - POEMAS DE CASAVERDE: A poética de Alexandre Silva

Alexandre Silva

Apresentado por

Meu Lado Poético 



Dedicatória

Dedico esta poética à minha família; aos amigos e amigas e a todos que reservarem um tempo da sua preciosa vida para ler e prestigiar os poemas contidos nela.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me permitir ser e estar até os dias de hoje...

Agradecer é sempre uma ação trabalhosa no sentido de exigir um cuidado especial para não cair em esquecimentos em relação aos nomes.

Assim, quero estender a minha gratidão a todos que me apoiam desde a forma mais simples até a mais complexa.

Contudo, quero destacar uma gratidão especial à minha família, pois, sua importância em minha vida é ímpar e insubstituível.

Ademais, sem nominá-los, quero agradecer aos meus amigos e amigas que de igual modo me apoiaram (e ainda apoiam) nesta empreitada poética.

.:Paz & Vida:.

Sobre o autor

Gosto de ler (no amplo sentido do verbo).

Escrevo sobre o TUDO e o NADA buscando o sentido dos dois de uma forma mesclada.

Reflieto sobre temas como: a vida e a morte, o tempo e o espaço, o eu e os outros.

Gosto de escrever de forma livre: não me permitindo "prisão a estilos e/ou segmentos literários", mesmo que em alguns textos venham a ser identificadas algumas características que remetam à escolas literárias não me prendo a elas.

Escrevo a respeito de diversos temas buscando sempre posicionar-me de uma forma clara externando críticas (quando forem necessárias), se utilizando, às vezes, do lado cômico para tratar de assuntos sérios, porém, de uma forma mais solta, informal. Assim, dentre tantas discussões possíveis as que mais chamam a atenção são: a vida e a morte; a solidude e a solidão estendendo-se à depressão. Contudo, não será difícil encontrar diversos outros temas envolvidos nos mais diversos textos poéticos que serão apresentados, a exemplo: o amor, a paixão, o fantástico, o mitológico, verdade, mentira, alegria e felicidade, etc..

resumo

GOSTO DAS COISAS DA MINHA TERRA

EFÊMERA VIDA

REFLEXO

COMO LER POESIA

NÃO CONSEGUES VER O QUE VEJO NÉ

LIRISMO À PANDEMIA

AO DESGRAÇADO AMOR MEU

UM POEMA PARA UM OLHAR

NA ESCURIDÃO DOS MEUS OLHOS FECHADOS

VAGAROSIDADE

NEM PRECISEI SAIR DE CASA

PÉS REVOLTOS

FAMIGERADO AMOR

TRIBUTO A ESCANOR

O QUE FICA

INEXORÁVEL

TERCETOS DE EMOÇÕES CONFUSAS

QUARTETOS DE UMA POESIA INACABADA

REFLEXOS DO MEU EU

TARDIAMENTE CEDO DEMAIS

DESEJO PURO

ADORNO DA VIDA

RESILIÊNCIA

SUPERAÇÃO DA ALMA

DEUSA DO OLIMPIADES

SARA VIDA

A POESIA NASCE NA ESCOLA

TANTAS VEZES

PARTINDO DE VOCÊ

ESTADO DE GUERRA

SOMOS POEIRA CÓSMICA - (parte: 1/4)

SOMOS POEIRA CÓSMICA - (parte: 2/4)

SOMOS POEIRA CÓSMICA - (parte: 3/4)

SOMOS POEIRA CÓSMICA - (parte: 4/4)

POETAS NÃO LAMENTAM EM VÃO

A MELHOR VERSÃO DE MIM

UMA ESTRELA ME DEU UMA POESIA

EM CASA

PREMONIÇÃO

SAUDADE MODERNA

O PESAR DE UMA PERDA

LUZ DA ESTAÇÃO

PEDRAS E DESEJOS

A PALAVRA SINCERA

NOVA FASE NO MESMO CAMINHO

GOSTO DAS COISAS DA MINHA TERRA

GOSTO DAS COISAS DA MINHA TERRA

Gosto das coisas da minha terra...
da terra que me dá guarida...
da música ao filme...
e o teatro também...
do que representa o belo (básico) da vida: da vida que gosto de viver livremente.

Que, intensamente, toma todo o meu ser...
Que viver
jamais me seja ausente
do direito
que sempre me disseram ter.

Das matas onde morei poucas coisas me vêm à lembrança...,
mas no peito uma sensação me acalanta:
que nem um erro me permite externar
a zombaria dos povos cruéis,
que dizem lutar por justiça,
por igualdade e liberdade sociais...
me remetem às lembranças passadas de...

? Tudo aquilo que ficou para trás(...)?

? Que nos lugares que vivi,
e também os que passei,
jamais um dia poderei voltar
a viver, DE NOVO,
tudo que já vivenciei.

Que as verdades não extingam a vida...
do tudo que ainda é possível de se viver...
Que as mentiras...

não nos tornem incapazes
de enxergar o sentido das coisas...
o sentido do SER...

que na morte não se confirme o viés
que de nada
adiantou-se (desistência)
lutar...
amar...

As coisas da minha terra querida
eu jamais esquecerei...
do que dá sentido à vida
também não me afastarei...

Seguindo sempre o oposto do errado
e ao redor daquilo
que sempre o foi (existência)
sentirei saudades
um dia
das coisas que em minha terra vivia,
e que hoje só saudades restou...

? Saudades de quê?
? Passou...
foi apenas um sonho...
e tudo lá ficou...

? E hoje em dia?
? Não consigo mais a sua existência encontrar...
Presenciar;
Viver;
e chorar...

? Pra que chorar...?

? As coisas da minha terra se foram e nada pude fazer para (evitar) aproveitar um pouco mais, pois, do tempo não detenho o poder. Me emocionar (talvez) também não irei mais!

Pois, as coisas da minha terra querida ficaram para trás.

? E hoje?!

? Eu já entendo...

eu já sei...

que tudo que em nossa vida ocorre serve...

? Acontece, simplesmente, ao seu tempo...

EFÊMERA VIDA

EFÊMERA VIDA

Das
turbulências
da
vida...
o que fica?

O que é a vida do homem
diante de um pequeno chumbo em seu corpo,
que provado [e pesado] pela vida
segue a sua trajetória em constante agonia?

Eu estava alí...
observando aquelas casinhas
todas enfileiradas...
e bem juntinhas:

silenciosas;
mórbidas;
estáticas...

todas sendo resultados de vidas
que ocupam (hoje) terrenos
que sequer lhos pertencem de verdade.

Efêmera vida...
de coisas que se vão sem explicarem, ao menos, como vieram ao mundo,
que tão sombria se inicia e mais sombria ainda se encerra
pondo um ponto final à esperança.

Que...
em cada luz que se apaga

se confirma a insignificância da vida humana...
diante do *multiverso* de possibilidades que estão muito além do seu alcance...

[à luz que, tardiamente, se sabia que jamais se confirmaria à sua própria clareza, que é necessária para se ter um novo dia...]

tudo por causa do viés da incerteza:
que de beleza só tem a rima,
que, de menos, o que mais fascina são os olhares de quem apenas a observa...

limitada!
Incapaz em si de satisfazer a outrem:
efêmera vida...

Como levar alguém à luz
quando o que se tem é o fim
de uma coisa que sequer se sabe o COMO se começou!?

Quem inventou!?
Quem delimitou o seu período de duração(!?):
efêmera vida...

que se esvai em si sem esforço algum, apenas aguardando o tempo passar diante dos seus próprios olhos, que, inerte, é incapaz de externar qualquer tipo de reação para tentar melhorar a sua própria situação...

decepção: de tão "grandiosos" que somos
acabamos, "humildemente",
dentro de uma caixinha,
que logo é afagada com
carinho pelo calor
da mãe terra.

REFLEXO

REFLEXO

decepção
é tudo que sinto
na imensidão
dos meus pensamentos
quando me deparo
com tudo que vejo
por meio dos teus olhos

COMO LER POESIA

COMO LER POESIA

Ler poesia é encontrar a pureza da beleza no ser...
com certeza não é de qualquer jeito
tem que ter carinho
tem que ter apreço

sensibilidade à flor da pele
despretensões de significados
representações lugares

com certeza não é de qualquer jeito
tem que ser de um jeito só teu
mas que consiga transcender na PUREZA

no mais amplo modo de existir BELEZA

chorar

sorrir

enxergar-se nu vestido de palavras amargas alegres tristes e quem sabe até doces

como confeitos duros em direção à língua até amolecerem-se iguais às palavras quando chegam
ao "coração" que de tanto baterem o deixa sensível o torna irmão

pertencente a uma família de sentimentais "corações mórbidos" porém audaz sempre estendendo a
mão

com certeza não é de qualquer jeito

um sorriso no rosto

um abraço de jeito

jeito... jeito... jeito carente de se ler poesia... de se permitir poeta... de alongar-se em palavras
curtas e encurtar-se em longas palavras também...

não buscando erros ou acertos mas sim o singelo ato de... de simplesmente poetizar...

até mesmo a própria poesia dentro de si mesma
e gritar em palavras o todo de sentimento
que habita gratuitamente em um coração
que outrora de pedra aprendeu
que a poesia definitivamente liberta
certa de estar tocando sutilmente o mais íntimo do SER.

NÃO CONSEGUES VER O QUE VEJO NÉ

NÃO CONSEGUES VER O QUE VEJO NÉ

Ah, poesia...

em mim: solitude.

Imagem linda, que passa uma sensação de paz, harmonia e credulidade em um possível "novo amanhã saudável":

não consegues ver o que vejo, né?

É que cada olhar recebe uma leitura específica remetida ao que mais o seu coração deseja, e eu tenho certeza que da imagem que você vê agora (não a que acima desenhei) o seu coração lateja por algo muito mais importante para você.

A poesia é isso...

ela faz isso:

promove realizações em um ambiente não seu para satisfazer os mais ávidos corações contritos.

Por ela vejo o brilho dos teus olhos

refletindo o mais puro gosto

de um café bem feito

de manhã logo cedo.

Realizo-me em ti poeticamente:

te vejo sorrindo ao meu lado jogando meio de lado o teu braço e eu a câimbras em você evitar.

Permito-me em ti dramaticamente:

te vejo aborrecida por causa de palavras mal ditas que de longe vêm te aperrear.

Te deixo tocar o meu céu:

para poder habitar em teu terreno que, bem cercado, o guardo como o meu maior tesouro.

Por ela poeticamente

quero estar dramatizando
todos os meus sentimentos
que exalam o puro amor.

Ah, poesia...
em mim: solitude.
Imagem linda, que passa uma sensação de paz, harmonia
e credulidade em um possível "novo amanhã saudável":
estar;
querer;
poder;
poetizar-se!

A poesia grita incessantemente
por um espaço para procriar
o que em mentes que se dizem sãs
já não consegue mais semear:
plantar;
crescer;
cultivar;
poetizar-se!

Não consegues ver o que vejo, né?
É que cada "coração" tem um jeito só seu de se expressar, se apixonar, amar...
A poesia se supera dia a dia de um jeito só seu,
mas sempre se permite adequar-se aos mais diversos perfis: apogeu!

Não precisas ler a mesma imagem que eu:
escolhe uma ao teu gosto, o menu é todo teu,
contanto, que consigas, de uma forma ou de outra,
transcender em satisfação,
emoção, prazer...
Porque depois de tudo só nos resta tentar de novo: em um "novo amanhã saudável".

LIRISMO À PANDEMIA

LIRISMO À PANDEMIA

[um lirismo pandêmico:

mascarado e envolto ao álcool em gel.

Assim, "protegido", segue contaminando

as mentes de todos que se permitirem à infecção]

Aterradoras situações

nessa desconfortável vida

de atribulações diárias

que nos sucumbem e nos deixam sem guarida

Como se não nos bastassem os tantos problemas nossos de cada dia

ainda nos apresentam a uma tal pandemia que nos remonta um caos já vivido em outrora ocasião e agora em uma nova roupagem nos vem desolar o coração:

tantas horas de agonia e desespero...

tantos dias de caos e desesperança com o aumentar frenético de vidas perdidas: letárgicos e desoladores números insensíveis.

tantas semanas de desinformações e aproveitamentos diversos de sofrimentos alheios...

tantos meses de sofrimentos, perdas e dores...

tantas pesquisas envoltas de uma politicagem medíocre aproveitadora das mais diversas condições de um povo: que seguindo sofrendo permaneceu lutando.

tantos momentos de pura desilusão desse mesmo povo...

tantas vidas perdidas...

tantos corações nas mãos...

Solução?!

Nem de longe se via.

Até que um dia umas tais "vacinas" surgiram, e delas outras tantas, que de nada serviram por um bom tempo, além da nojenta, porém, bem conhecida: politicagem, que escalava os corpos já deitados no berço da eternidade, sem ar...

Vírus silencioso:

calmo;

sereno;

tranquilo: mas, ele não era Jesus... não veio "fazer milagres", apenas, vidas levar.

Não nos fazia sentir descanso em nosso viver;

Não nos conduzia ao seio da liberdade celestial com Deus;

Não nos fazia deitar em uma rede preguiçosa para descansarmos;

Não nos permitia ouvir os pardais a cantar alegres e livres a voarem num lindo céu azul de esperanças e felicidades...

Escondeu os nossos sorrisos... Máscaras miseráveis!

Sem alegrias:

felicidades nem se cogitou;

alívios apenas para alguns;

outros nem tiveram tempo, apenas dor.

A morte: certa para milhares!

A morte: utilizada como bandeira política!

A morte: superando a vida!

A morte: confrontando a fé!

A morte sendo o passaporte para o "além-mar", e incertezas e desolações sobrando para os que ainda ficaram na fila da desesperança.

Por meio do tal vírus os homens brincaram de serem deuses das vidas dos que buscaram na religião um alívio para o seu coração:

não dispunham de melhores condições físicas, mentais e financeiras para lutarem e bancarem os possíveis tratamentos mais eficazes;

vidas foram reduzidas a uma mera contagem numérica supostamente forjada e trabalhada sob manipulação em prol do terror e caos sociais.

Banalizadores da VIDA, buscando lucros reais por isso tratando pessoas como sendo piores do que animais, enquanto que todos nós já sabemos que nem eles são merecedores de tanto descaso e desamor:

ardor;

pavor;

dor!

Pandêmico estado *in vitro*
num espectro de inaptidão
do ser que passou a habitar.

Pandemia assassina, que é fina no trato, que de um jeito sorrateiro vai deitando alguém no leito até chegar ao seu descanso eterno, terno e sereno sem sequer ter solicitado teve a sua vida ceifada de um jeito bem "educado", e armado de pura solidão e descontento ficaram seus familiares a chorarem sem alento.

Contudo, ainda nos restou uma alegria em meio ao caos:

felicidades travestidas

de meios sorrisos

ao ver-se mais uma vida

escapando de um tal vírus que,

de repente, mudou o que se conhecia por "rotina".

E agora todos nós somos "especialistas" capacitados a lidar com o que nem sequer sabemos ainda: bem-vinda, vontade de viver, pois, o que de repente nos pegou logo irá desaparecer e você voltará (de novo) ao lugar que sempre foi seu: VIDA!

AO DESGRAÇADO AMOR MEU

AO DESGRAÇADO AMOR MEU

Satisfação: prazer mutuo
em corpos nus se revela a beleza
que da mais pura clareza
se conduz ao mais profundo abismo.

Ao desgraçado amor meu dirijo todas as minhas falas
e na minh'alma sinto as espadas agudas entrelaçarem-me todo o corpo
que num desgosto se vê lançado em desassossego
chegando devagarinho em seu real estado e lugar: *infernus*.

Da terra ao céu pode-se enxergar o quão distante se está do mais puro amor:
sentimento lindo que jamais gera dor.

Da terra ao céu pode-se reviver as mais belas experiências
tidas em tempos de vida plena nas consciências.

Insatisfação: desprazer mutuo
em corpos vestidos se revela a vergonha
que da mais pura escuridão
se conduz ao mais profundo sono em sua cama.

Ao desgraçado amor meu dirijo todos os meus olhares
e dentro de mim sinto todos os meus *eus* gritarem embebedados pelo líquido que deixou
por quem um dia os amou e que em decepção os lançou
chegando devagarinho em seu real estado e lugar: *infernus*.

É chegado o tempo do jardim
ser regado com o líquido do prazer
para outra vida nascer
e seguir longe do seu túmulo revestido em carmim

para de longe ser notada,
e seguir sendo amada
dando voltas em seu próprio mundo
tentando vencer esse amor desgraçado.

Num ciclo inevitável
de pessoas reais
completamente incapazes
de vivenciarem o amor real.

Realidade que esvazia
uma noite que já estava fria
por tantas desilusões
assombrando os corações.

Corações rebeldes
que insistem em tentar amar,
lutar, suar, chegar onde nem eles mesmos
conseguem perceber que por mais que tentem evitar sempre serão "corações sofridos".

Ao desgraçado amor meu dirijo toda a minha atenção,
que com o coração na mão
permaneço a tentar lutar, suar
para, assim, chegar onde sempre pensei ser o meu lugar: *caelum*.

É chegado o tempo de mudança,
que do céu a mais pura alma canta
anunciando a conversão do que lá chegara,
que de amor desgraçado pureza se tornara.

Em ti: *caelum!*

Em mim: *infernus!*

Convertamo-nos, pois, à pureza presente logo acima de nós dois,
e nos tornemos um só coração para seguirmos purificando o desgraçado amor nosso.

UM POEMA PARA UM OLHAR

UM POEMA PARA UM OLHAR

Por dentro de dois espelhos sorrimos um para o outro. Parecíamos tão distantes, e unidos fomos pelos reflexos... reflexos de desejos:

de paixões;

de amores;

intenções...

De dentro de um partiu a vontade de ser feliz.

De dentro do outro entrou o medo de se permitir.

Por meio de dois olhos sorrimos um para o outro. Pareceu-nos estarmos tão pertos, e fomos separados pela realidade que nos cerca:

nos arremessa;

nos derruba;

intenções...

Da parte de um: sentimentos diretamente ligados ao seu objeto de desejo.

Da parte do outro: a vontade de agarrar-se e jamais largar o tal sentimento lhe direcionado.

Um poema para um olhar de encantos diante do espelho encarnando os desejos de quem os encara, narra a trajetória e seus feitos:

de paixões;

de amores;

intenções...

Um olhar sobre um horizonte de possibilidades

que nos faz mergulhar num oceano de desejos

capazes de nos fazer transcender a nós mesmos:

vontade de brilhar?

Um olhar tem;

vontade de chorar?

Apenas quando lhe convém;
porque, de verdade, há vontade de encarar seu medo
pelo tanto de desejo que lhe sucumbe todos os dias.

Um olhar em direção à rua pensando estar nua aguardando o seu amor chegar:
intenções de serem felizes;
intenções de jamais abrirem mãos do que julgam ser a tão esperada... realização(...):

olhares que se assemelham ao sol;
olhares que se aproximam da lua;
olhares que tentam unir dois astros;
para conseguir clarear a vida sua.

Um poema para um olhar de vislumbre:
mas que se firma por si só no que sempre sonhou conquistar;
que sempre buscou para si o concreto direito de amar;
e, fazendo uso da ousadia lhe permitida, errou por tentar;
porém, não desistindo da sua luta, levantou-se e se pôs (novamente) a caminhar.

Olhar de guerreiro que lutou pelo seu sonho;
Olhar meigo de trocas intensas e de desejos avassaladores;
Olhar impactante que remove a maldade e esbanja a pura alegria;
Olhar distante que sempre pensa estar perto de quem (sempre) afirmou amar:

um poema para um olhar
 que se pôs a chorar
 diante de um espelho
 que refletiu para si
 o resultado da sua
 caminhada.

NA ESCURIDÃO DOS MEUS OLHOS FECHADOS

NA ESCURIDÃO DOS MEUS OLHOS FECHADOS

Na imensidão dos meus pensamentos te desejo...
na escuridão dos meus olhos fechados te revejo...
na-tu-ra-li-da-de...
singeleza...
uma origem...
vontade...
uma verdade...
saudade...

No íntimo do meu ser mora o nada!
nele deixei habitar meus sonhos;
dele extraí alguns planos;
pus em prática a *alegria falseada...*

Tudo bem... entendo como as coisas funcionam,
mas, na escuridão dos meus olhos fechados, te vi...
solícita...
e, como um raio, fui ao teu encontro...
Óh! És tão atrevida...
agora nada está bem..., mas, eu ainda entendo como as coisas funcionam:

na rua alguém me chama
e eu deitado ainda na cama
recusei-me a levantar.

Depois de um tempo,
como quem não quer nada,
abri uma brechinha no cantinho de um olho,
apenas...

e avistei-a, sim!
Era ela!
Chamando-me!

Como quem deseja muito alguma coisa
fui ao seu encontro de olhos bem abertos,
apenas...

para conseguir
enxergá-la
melhor do que antes, de repente,
ninguém(...):

rua vazia de gente, e a minha mente também...
tudo não passou de mais um sonho
daqueles que sonhamos
que estamos sonhando
um sonho dentro de outro sonho,
que não nos deixa acordar, jamais... jamais...

[antigamente eu sonhava
que atrás de casa tinha uma árvore muito grande,
bonita...
cheia de galhos...

nela tinha um balanço
de cordas e madeira
e eu me balançava
sem parar...

"até alcançar o céu!" Era o que eu dizia...
e eu voava... vento batendo no rosto...
e eu indo em direção ao nada...]

Era mais um sonho
daqueles tipos de sonhos

que falei logo acima.

Em uma noite de perdição infinita,
de sensações estranhas,
ela retorna...

e dessa vez
mais estranha:
calada para mim
e com palavras ao vento... e...

fechada em si
em um tempo só seu
disse estar seguindo um novo caminho e que, talvez, não fosse o meu.

Calado eu estava,
e assim continuei...
não quis incomodá-la...

mas, ainda era a "minha velha conhecida"
só que o seu comportamento era outro;
o seu modo de agir era outro;
a sua relação estava desconhecida e conectada de todo o resto: numa realidade só sua.

Não!
Não era mais quem um dia eu conheci, quem eu pensava ser, e não tem mais ligação com tudo o que eu sabia, se é que a conhecia de verdade... realmente ela mudou e eu vou buscar entendê-la.
Depois de um tempo... caminhando... em direção ao "sei lá pra onde":

sigo em direção ao *Olimpíade*... lá deve ter "alguém" que me entenda porque não encontrei soluções terrenas e não posso mais esperar por algo que nem sei mais se conseguirei encontrar, e eu estava esperando por alguma coisa, ou alguém, sei lá...

Mas, ainda caminhando: ao longe avistei um movimento que, de tão estranho, me fez parar por um momento: eu estava caminhando em direção ao horizonte e nada eu via, pelo menos até aquele instante. Parei!

Parado alí: tentei entender o que via e fiquei naquela agonia por mais nada poder fazer, então,

voltei a caminhar... não pude ajudar.

Me peguei a correr: continuei indo em direção ao desconhecido e não esperava que fosse uma coisa boa porque eu não corria o risco de ter tal prazer, de vivenciar tal experiência...

enfim, chegando bem pertinho da minha outrora visão precisei estender a minha mão em direção ao que encontrei, e fiz isso por ter encontrado algo que sempre desejei, mesmo não tendo esperado encontrar naquele lugar e, de repente,

alegria...

até que enfim,

um dia alguma coisa

me veio alegrar o coração: na escuridão dos meus olhos fechados consegui CLAREZA das ideias e isso me fez refletir: saber agir naquele momento era crucial. Eu não poderia pôr tudo a perder àquela altura porque eu parecia estar no lugar certo, capaz!

Vivenciando aquele momento tão especial que(...):

elegia...

toda melancolia cabível

para entender-se como merecedor:

como agente nesse mundo de súbitas ações alheias à realidade que nos rodeia...

sob uma *égide* me sinto protegido!

Por *Zeus*... por *Atena*... sei lá!

O sentido das coisas... a origem de tudo...

A CRIAÇÃO!

O meu eu

desnudo

de ilusão

assustadora.

Na escuridão dos meus olhos fechados visualizei soluções de problemas persistentes e de tantas ações vãs, que em um lugar só me consegui entender os motivos (razões...): hoje consigo me sentir livre... já consigo aproveitar minhas manhãs! Cheguei! Estendi a minha mão e senti o toque de um deus... Sim, era ele!

Era *Zeus*!

Que naquele momento...

naquele caminho:

daquele jeito me mostrou a direção...

Escudo empunhado...

pronto para guerrear,

corpo fechado para o mal não me tomar,

ouvi palavras estranhas que só depois consegui entender: "portal aberto, vamos vencer!"

A clareza em meus olhos chegou... um deus em meu lugar lutou!

E hoje posso gritar... sorrir... chorar de alegria...

Como um "deus" estou indo rumo à vitória!

VAGAROSIDADE

VAGAROSIDADE

A vida é interessante... Todos querem me ver gritando...

estressado..., mas, logo penso: a vida é realmente muito interessante... Todos correm em busca de alguma coisa enquanto eu(?): escrevo.

Nada é como queremos:

talvez, porque tudo que queiramos,
na verdade, não precisamos ter...

e seguimos a nossa busca cega
por alguma coisa que nos venha
enganar ainda mais..., mas...

dos tantos momentos da vida o que mais me deixa curioso é o tempo...

não que eu não o consiga entender, apenas... (talvez)

me impressione muito facilmente, quem sabe...

Certo dia eu estava na fila de um banco e notei duas situações interessantes, um homem já idoso, e um jovem recém-saído da adolescência: eu de longe observando o mais velho, que esperneava, parecia que estava sofrendo, se mostrava muito preocupado com alguma coisa, apressado: olhava constantemente para o seu relógio de pulso...

? E o jovem?

? Estava tranquilo...

fozes de ouvido...

parecia ouvir boas músicas...

ao menos era o que parecia.

? Olhava para relógio?

? Nem isso ele usava!

? Talvez em seu telefone?

? Quando quisesse poderia vê-la em qualquer lugar, sem estresse...

? A sensação temporal é, realmente, surpreendente... Talvez, o idoso tivesse poderes e, de repente, ficou sabendo que depois dali não teria muito tempo de caminhada, ou, se chegaria a caminhar novamente, vai saber..., mas, o jovem... ah! Esse poderia estar pensando... aliás, pensar pra que se a música estava tão boa?!

A vagarosidade temporal me deixa com medo...

e ao mesmo tempo percebo que

também não uso relógio...

quer dizer... usar pra que?!

Se o máximo que ele poderia me dizer seria (cedo ou tarde eu iria, de qualquer maneira, saber) que: o tempo passou...

Se vagarosamente...

Se rápido demais... vai saber...

Só sei que:

o tempo se vai;

o tempo se foi;

o tempo se esvai...

? Não voltará mais?!

? Não! Não aquele mesmo tempo. Não daquela mesma forma... não! Jamais!

O tempo leva a vida e a deixa em algum lugar... sei lá onde esse "lugar" fica, mas...

eu vi... eu... eu vi o tempo levar... só não sei, de verdade, para onde... só sei que:

levou minha avó;

meu vô também se foi...

? Sei...

? Foi bem depois... não foi um atrás do outro, mas foi por causa da vagarosidade do tempo, da escolha do tempo... que só faz alguma coisa quando lhe apraz...

? Me lembrei de uma tia minha que está em algum lugar fora daqui.

? Uma prima minha também... tão nova... mal havia chegado e logo se foi... encontrar-se do outro

lado com todos que já falei... falecidos... vagorosamente conduzidos... e as vidas dos que ficaram precisaram seguir em frente..., mas, sempre dependentes da vagarosidade de um tempo, que só faz o que ele quer e nem se digna a dar uma mínima satisfação, sequer! Na real, ele não tem obrigação: tempo... vagaroso tempo... que rege a vida dos que nascem e coordena a ida dos que se vão... e um pai está, agora, deitado em suas mãos apenas aguardando a sua hora...

? Que este tempo não passe rápido para ele, então... que nele haja lacunas deixadas como escape, e para outros, espero que, como ele, escapem, nem que seja por um triz de uma morte que seria certa..., mas que o tempo... o tempo decidiu prolongar a sua vida um pouco mais...

? Eu fugi dela duas vezes. Isso as que fiquei sabendo, né... escapei... vagorosamente... talvez, nesses dois momentos o tempo devesse ter mais o que fazer e acabou me deixando passar só com poucas sequelas para sempre me lembrar..., mas, insisto: a vagarosidade temporal é surpreendente(...): que sorte de uns;

que dia difícil para outros;

e ele segue passando... passando...

? O tempo é realmente algo muito especial, mas, o "normal" é jamais entendê-lo... assim, enquanto ele "trabalha" em outros lugares vou por aqui fazendo o que eu conseguir fazer com a pouca força que ele me deixou ainda ter: dentro das possibilidades...

Vagorosamente... pois, sei que o tempo, vagaroso ou não, jamais será vencido:

Tempo importante;

Tempo teimoso;

Tempo vagaroso...

que um dia...

sempre!

Passará para todos(!).

NEM PRECISEI SAIR DE CASA

NEM PRECISEI SAIR DE CASA

pensei em sair um pouco
tocar o vento
sentir a água
mas a minha bicicleta não me deixou sair de casa

antes disso vários pensamentos me arretavam o juízo
vislumbres de acidentes que poderiam acontecer comigo
e a sensação de que a melhor coisa que eu deveria fazer nesse dia
era permanecer onde eu estava: em casa

não consegui tocar o vento como pensei
nem a água sentir da forma que imaginei
mas considerei tudo que ocorrera
como um alerta para evitar qualquer besteira

o domingo acabou
já é segunda de São João
não sair de casa em nada me prejudicou
e agora estou aqui com um alívio no meu coração

madrugada fria
sinto a brisa do cair chuvoso
sinto o toque do vento suave no meu rosto
e nem precisei sair de casa

PÉS REVOLTOS

PÉS REVOLTOS

Palavras minhas que em ti batem
chegam no peito e lá ficam
de arremate suprimindo o orgulho: que de todos nós sentes
as próprias mentiras que te fazem ausente de ti mesmo.

Das demandas que a ti chegam
ajuda a nós tu não pedes e
é como se fostes... autossuficiente...
sementes germinam... e tu? Segues!

Não te entregas à solidão
das tardes de morbidez e...
nem aos revezes te abraças.

[Já achaste o teu viés de completção...? Não? Ele achou depois de três dias]

Da comunhão não tomes o pão adormecido e embebecido no líquido do prazer...
Nem tampouco comas o vinho petrificado após um momento de desespero...
Que, em desagravo, desalenta o ninho que antes lhe era tão alvo...

Dos que se dizem dignos
de darem um bom resultado:
criem seus filhos primeiro
e, depois, corram para o abraço!

? Na escuridão da tormenta
pés revoltos não obedecem
e na madrugada sonolenta
pés revoltos tomam outro rumo.

? Lavo os meus pés, que de tanto trabalho sempre recorrem a algum viés, e seguem os seus caminhos cantando:

tecendo palavras aleatórias...

sem buscar significados...

poetizando... apenas, jogando

meras palavras ao vento...

que, de repente, se tornam: poesia... quente ou fria,
de verdade, pouco importa, mas, com palavras endereçadas
aos mais diversos corações, tensos ou tranquilos,
sua existência é bem mais valiosa, nisso habita a beleza.

? Lava tu, pois, os teus pés revoltos, para que te ajudem nos momentos:

de mais necessidades;

de mais carências;

de mais solidão;

para que (com eles) possas tu correres da depressão.

E, de novo, consigas ir voltando aos poucos:

a comer do pão;

e beber do vinho;

originalmente saudáveis à vida.

E, sem nenhum "de repente",

alivies o teu coração

de todo o vazio, tristeza e dor...

Tiras também o ódio;

tiras também o rancor;

e, novamente, tentes seguir

vivendo com os teus pés descansados de tanta revolta...

FAMIGERADO AMOR

FAMIGERADO AMOR

Se amássemos
o tanto que
falamos do amor:

o mundo vivenciaria melhores condições de vida: tantos estilos;
tantos ritmos;
tantas formalidades;
informalidades, então...

Cores não tem, mas, às vezes, até coloridamente
é possível de se amar também,
ou, ao menos cantar
esse tão famigerado amor...

que, pelo que tudo indica,
esse tal "desconhecido"
é bem pouco "entendido":
palavra tão pequena, que pode tornar uma alma plena.

Se amássemos
o tanto que
falamos do amor:

as pessoas não seriam tão cruéis umas com as outras... tanto ódio nos corações e, quando observamos, são nos corações de quem fala tanto, canta tanto e, sem sequer perceber, se põe numa redoma autocriada para seu próprio engano... o amor...

Famigerado amor nosso, que nos engana, para enganarmos a outrem. Será que o mundo seria melhor se não existisse esse tal "desconhecido"? Porque se ele não existisse o seu antagonista também não nos afetaria: "ai, que ódio que tenho de você!"

Amamos "odiar amar", pois, no ódio esse tal "desconhecido" vai se revelando necessário; vai tirando muita gente do "armário"; vai nominando quem por muito tempo ficou no anonimato; jogado no mato; morrendo em solidão, querendo gritar para aparecer, mas, amordaçado, não tinha muito o que fazer.

Odíamos tanto
que o amor
mais parece
uma "arma de engano".

Se assemelha à confiança,
que, de tão creditada, serve para propagar o mal
fingindo estar promovendo o bem, por "amor" ao próximo.

E, no fim de toda essa frenética,
e mórbida ilusão, seguimos nos enganando,
cada um com o seu tal "desconhecido" no coração...

Se amássemos
o tanto que
falamos do amor...

TRIBUTO A ESCANOR

TRIBUTO A ESCANOR

Fulguras em mim...

Óh, gloria do Sol, eterna!

Pois, em ti, me sinto renovado,

extasiado e posto em prantos de joelhos dobrados a te adorar.

O único momento

em que me permito estar curvado

é diante da tua glória, bendito Sol

que me alimenta e me revigora.

De ti o meu poder emana

e por ti a minh'alma clama

todos os dias... e ao meio-dia

te sinto em mim mais forte:

me tornas

superior

a tudo (e a todos)

que possa existir.

O meu orgulho torna-se pecado,

mas acaba sendo aceitável: eu o aceito

diante de todo o teu poder comigo compartilhado:

oportunidade única, e me sinto inabalável; invencível; iluminado...

toda a minha vulnerabilidade se revela em minha origem: tudo que temo se torna gigantesco quando me vejo diante de um espelho da forma mais natural possível; vencível; humilde e fraco, isso me dá asco, e repudio toda a minha fraqueza revelada em mim mesmo: originalmente. Tento desfaçar e converso contigo. Óh! Sol amigo.

Contudo, magnífico que brilha em mim:
te sinto invadindo-me por completo;
fazendo-me crescer literalmente,
e exponencialmente,
sinto o teu poder
explodir em mim,
e, em glória
sou posto por ti
num lugar
só meu.

cada vez mais forte, sigo sem escolher oponentes
porque em ti a minha vida habita, então,
da morte não sou temente.

Poder sem igual que, mesmo sendo ferido,
em ti consigo abrigo,
e a cura logo me afeta,

fico alerta,
ligado a todo
o meu derredor
e cresço, apareço e venço!

A tua existência me faz existir supremo
diante do meu **eu original** e fraco, em ti o supero e me torno ETERNO!

O QUE FICA

O QUE FICA

nos diversos momentos
naqueles
que a gente pensa estar "por cima"
vem um simples sonho e nos revela
o quão pequenos somos em nossa própria "grandeza"
que de verdade tudo que pensamos
e sonhamos
e desejamos
não passam de "meras ilusões"
porque no fim de tudo
o que fica é a saudade

INEXORÁVEL

INEXORÁVEL

Inexorável amor teu
por alguém que já se foi
e que nunca te percebeu:

no teu vagão de sentimentos
guardas tudo que nunca chegaste a usar,
ainda que tenhas tentado.

Para quem?
Com quem?
Se o teu alguém agora já não está mais entre os que gozam a vida.

Insistente amor teu que, de um jeito ou de outro, um dia sempre dirá adeus:
no teu espaço de vazio profundo guardas o que sempre te quiseste livrar.

Para quem?
Com quem?
Se o teu alguém agora só mora dentro do que restou de ti naquele trem...

Dos que se recusam a receber de ti o que quem sempre mereceu não percebeu: no teu vagão de sentimentos desfaleceram pitacos isolados de quem nem sabia o que te dizer direito, mas, sempre fez questão de te dizer alguma coisa ? segue a vida firmando-se no que restou de tudo que um dia se foi recusado, e agora de tudo que sobrou, ficou a solidão e a lembrança dos poucos dias felizes que conseguiste viver.

TERCETOS DE EMOÇÕES CONFUSAS

TERCETOS DE EMOÇÕES CONFUSAS

No coração de um poeta
o ódio só habita se for para fazer poesia,
logo depois, calmaria...

? E sobre o amor... o que dizer?
? Nada, pois, ele em si
é completude do querer

e do devido ato de,
simplesmente, existir...
e nele mesmo ser...

Realmente,
é impressionante
a nossa vida aqui...

um dali grita,
outro de lá corre,
e muitos "outros" permanecem coexistindo alí!

Mas sempre,
no final de tudo isso,
todos partiremos daqui.

O que fazer, então?
Para onde fugir, disso?
Qual será o nosso resultado? Portanto:

interrogações...
indagações...

perguntas...

a mesma coisa(...)!
a mesma fala(...)!
a mesma vala(...)!

Emoções que se apazíguam
depois de tanto oprimirem os que vivenciaram
as guerras dentro dos corações que, depois, se transbordaram em:

alegrias;
felicidades;
completudes.

Ainda que construídas sem se perceber,
numa máquina temporal sem se considerar
possíveis vontades absurdas que vieram a ter;

e que, de uma hora para outra,
jogando tudo para o alto,
se puseram a correr;

buscando com o tempo concorrer
e, de alguma forma, conseguir vencer,
sabe-se lá o que isso queira dizer;

abraçando a ilusão, sem mais nada considerar,
pois, inimaginavelmente, pensou ser capaz de vencer
o que, sequer, conseguia ver.

Mudar a forma
não muda o significado,
mas, mudar a fala muda o sentido.

? E é o sentido que importa?

Pois, ainda que uma porta esteja torta continuará sendo uma porta,

não perderá o seu significado:

de longe avistei um gramado:

verdejante...

fulgurante...

e refletidor da luz farolesca

que clareia mais um dia

de calor escaldante,

e me peguei pensando NELA:

minha amiga de todos os tempos...

minha amante...

Solitude...

que me trouxe a alegria

travestida em sorrisos largos...

que me permitiu felicidades

molduradas em abraços

e apertos de mãos...

que me gerou completudes

por meio de camas... tensões...

e que nada me significaram além de desilusões:

interrogações...

indagações...

perguntas...

a mesma coisa(...)!

a mesma fala(...)!

a mesma vala(...)!

Num deserto seco,

mas rodeado de águas límpidas...

me vi preso em sentimentos desoladores:

de repente! Reflexão...

Clareza! Percepção...

Certeza! Insurreição...

? Um vento forte assolou o ambiente

e o restinho da porta derrubou,

e daí saí, solícito... e pronto para curar a minha dor:

que alegria;

que felicidade;

que paz...

A minha "humanidade" retornou!

E não me pareceu fingida em seus sentimentos,

apenas um pouco mais vivida...

experimentada

pela natureza...

VIDA!

QUARTETOS DE UMA POESIA INACABADA

QUARTETOS DE UMA POESIA INACABADA

E voltei-me
ao início de tudo
para rever os passos
que abandonei:

desencantos;
experiências;
desilusões;
abandonos...

Nada mais!
E a poesia que nunca consegui acabar de escrever
tornou-se viva...
eficaz!

ELA era eu. Sim! Todo este tempo
estava sempre tão perto de mim, e foi depois de perceber,
de olhos fechados, que tudo que eu precisava estava bem ao meu lado...
era, apenas, necessário entender:

o amar... me notar;
o sentir... me aceitar;
o querer... me perceber;
o respeitar! Apaixonadamente... o "me viver!"

Então, consegui entender o sentido da minha busca:
"a poesia que nunca consegui acabar..."
Era, realmente, EU! Num espaço-tempo distante de se chegar
por mim mesmo. Por querer tudo sempre perto de mim, ceguei... VIDA!

Te esvais no simples toque da chama ardente do amor insano que diz:
perdoai; querei, pois, sempre o bem! Que diz: mergulhai para dar a tua vida
por outra que te espera logo alí na frente... se afogando...
nem ela e nem você sabem nadar, contudo, você a olha e diz: "vai ficar tudo bem..."

Vida:
poesia inacabada,
que se sucumbe em devaneios vãos;
que se abala numa imensidão de sentimentos

que, de tão enganosos
só geram: decepção;
descontentamento; solidão...,
mas, não se limitam apenas nisso, pois, há tantos outros bons...

Vida minha... (incoerente por diversas vezes),
que poesia linda és...
sendo matéria: és tocável; instável; carente; ausente:
mesmo estando presente.

Que, de tão "perfeita",
consegues enganar até os corações mais atentos,
que, jogados aos reveses, buscam tuas conclusões:
sentimentais e bobos... que se resolvam, então... a favor da vida.

"A poesia que nunca consegui escrever(...)":
logicamente, por não a poder ver...
e, cegando para o que dela poderia sentir,
pude entender que finais não precisaria ter... conclusões não precisaria possuir...

Assim, lá me fui!
Segui me enganando sem saber, por um longo tempo,
que a poesia, de tão bela, nem precisava ser compreendida,
apenas, ser vivida...

Viva toda a tua poesia

sem esperar por finais:
conclusões; *morais*;
apenas, viva toda a tua poesia... pois, quando você se for, ela lhe representará!

A nossa
vida
é uma
poesia inacabada...

Quando a gente se for,
sem dúvidas,
ela continuará viva por nós...
por meio das nossas palavras permanecerá ativa.

Vida:
a nossa poesia inacabada,
nela mesma
eternizada...

Vida:
a morte
não representa
a tua conclusão!

Vida:
Minha poesia inacabada...
eu, jamais,
verei o teu fim!

REFLEXOS DO MEU EU

REFLEXOS DO MEU EU

Foi alí que sempre estive como quem nada queria...
querendo tudo ao mesmo tempo
com uma falta de tempo incompreensível em mim.

Diante de tudo que desejava conquistar
e não entendia como lidar com um tempo
tão limitado quanto as folhas secas
de uma árvore em fase de troca.

Lá embaixo no rio da pedra
avistei um espelho natural numa sombra
que com o brilho do sol brilhava
e aquecia meus pensamentos
o que sempre me perturbava

Me sentei à beira do rio e contemplei-me vazio
e com as decepções que em mim habitavam
e que faziam a escuridão
ser sombra em meu coração
partindo daquele solão

que tanto me atormentava.
E me conduzia a pensamentos
que me deixavam ainda mais confuso
diante do abuso de limitado ser
por um espelho d'água

que permitia entender
o quão insignificante eu era
se comparado a toda aquela

imensidão de sentidos.

Àquele espelho d'água que devo a minha vida
que antes dele estava sem guarida
e agora consegue caminhar
em direção a um destino
que em mim se permitira findar.

Percebi que era possível terminar
o que havia começado e
que tudo poderia ser mudado
se minha postura se modificasse
a partir de mim mesmo,
que diante daquele reflexo

tudo em mim passou a ser puro.
E diante daquele grande muro de impossibilidades
saltei para um infinito,
que se acabava dentro do meu próprio eu.
E assim, segui vivendo...
lutando e vencendo...
as atribulações da vida...

TARDIAMENTE CEDO DEMAIS

TARDIAMENTE CEDO DEMAIS

Ela estava alí pensando, e eu daria tudo para descobrir seus pensamentos, mas, tardiamente, ouvi sussurrar palavras sensíveis, que transpareciam insegurança e medo.

Outrora, cedo demais, a vi chorando;
lamentando o quanto havia sofrido;
por algo que julgou ser amor;
e que hoje se encontra vencido...

que se perdera no infinito de um sentimentalismo vazio; vadio; no cio cego de uma suposta "paixão proibida". Vida vazia!

Tardiamente cedo demais a vi se escondendo dos seus próprios temores, que a sucumbia por dentro a matando aos poucos... com seus interesses e devaneios:

ela parecia ser tão forte;
tão decidida; tão segura de si;
até revelar-se impotente, e logo num momento de mais carência da sua força interior, que horror...

Dona de si, e de um estilo de vida todo seu, tentou seguir sozinha um caminho que deveria ser enfrentado por pelo menos duas pessoas:

para ajudas mútuas;
para compartilhamentos diversos;
para socorros coletivos...

Menina que se mostrou guerreira e dona do seu próprio castelo que, sonhado, fora construído de acordo com o seu sonho e, no final de tudo, acabou sendo demolido por sua própria dona:

sonha;
constrói;
derruba;
dói!

De tanto chorar pelos cantos tentando encontrar alguma solução pensou ter achado a cura e a ela recorreu, então...

Do sucesso sonhado ao castelo demolido e à vida tirada de uma forma:
tão sensível...
tão silenciosa...
tão desnecessária...
tão cedo demais e (...), tardiamente, fora diagnosticada com: depressão!

Em sua mão um bilhete:
pequeno texto em letras garrafais...
Resolve gritar calada:
AGORA TENHO PAZ!

DESEJO PURO

DESEJO PURO

O que precisamos é pernoitar
à luz da lua de um novo dia
e cantar uma bela canção
que fale de amar: e que não apenas falemos, mas, que venhamos a vivenciar.

Sim! Um amor que em si se faz completo e que sempre,
precisando de um teto, morada em nós venha encontrar
para que juntos consigamos uma vida nova conquistar.
Ah! Que bom seria(...):

viver;
sorrir;
amar;
sonhar!

Quatro desejos em um só coração
que, de tempos em tempos,
nos gera a solidão,
e nos faz habitar em lugares de:

SOLITUDE: por tentarmos viver;
LÁGRIMAS: pelas lembranças que surgem;
PAIXÕES: por tanto desejarmos e procurarmos pelo amor;
DESILUSÕES: por sonharmos tanto, e tão pouco conseguirmos realizar...

Quatro consequências de atitudes válidas
que, originadas de um desejo puro,
seguiram sendo sempre alimentadas
pelos sabores das possibilidades de "sempre":

conseguir
viver
sorrindo
por
amar
quem
sempre
sonhou...

Quatro possibilidades
que um dia se tornaram
"verdades"
quando ele a encontrou:

viveram;
sorriram;
amaram;
sonharam...

e
deles
um
fruto
brotou.

ADORNO DA VIDA

ADORNO DA VIDA

ADORNO

que educação você tem;
maravilha-me ver-te assim;
adornada em vestes de luxo;
mergulhada na soberba e no orgulho;
enquanto, de verdade, o que me dá prazer;
é poder caminhar numa praça e de longe poder te ver...

VIDA

das andanças que tive na vida uma das que mais me encantou;
foi poder te ver alí sentada;
bem na esquina daquela nobre praça;
eu apenas atendia o tal cliente que a mim se dirigiu;
e, apressado, eu dizia: obrigado e volte sempre!
Enquanto há VIDA sempre haverá a possibilidade da volta...

MORTE

das experiências que tive na vida:
muitas delas frustrantes até;
uma das que quase fora única foi a morte;
dela eu escapei duas vezes;
e ainda continuo de pé;
e me disseram que tive "sorte..."

SOLIDÃO

andei triste;

andei sozinho;
andei carente;
ausente de mim mesmo;
gritando de fome de amor, carinho e afeto;
hoje continuo firme na caminhada "fingindo" ser forte.

SOLITUDE

me permiti viver comigo mesmo
ainda que me fosse algo caro de se pagar à vista;
que na ânsia de encontrar uma tal "felicidade";
me vi lançado à sorte e de queixo machucado;
bati de cara numa placa que a mim falou bem alto:
"sigas o teu caminho sozinho até que venhas a ser encontrado".

AMOR

num caminho bem escuro;
avistei uma estação;
com um local bem sombrio;
e uma luz em seu centro me chamando a atenção;
a luz me disse para estender a minha mão;
pois, do outro lado estava o amor que encheria o meu coração...

Foi o ADORNO da VIDA que me fez aguardar a MORTE em seu tempo ser vencida;
vivendo em SOLIDÃO e em amargura maldita até escolher a SOLITUDE;
para conseguir me aliviar em nome da espera em encontrar o meu "verdadeiro AMOR";
e ele veio ao meu encontro, e dele hoje eu sou...
basta agora vencer de novo a morte, espero ter "sorte";
para conseguir amar em vida quem sempre esperei e, finalmente, me encontrou!

RESILIÊNCIA

RESILIÊNCIA

Quando fecho os olhos clareio a vida que de tão esquecida se torna que mera, apenas para algumas pessoas, e à toa... à beira de uma janela a vejo passando (de novo) lentamente: que bela...

Sem tropeços por causa da luz que a dei: ELA segue resistindo com muita altivez rumo ao seu lugar de sossego: onde se renova e se põe (de novo) a caminhar...

Resiliência é a sua cicatriz: em outro caminho se vê em uma situação nova que a faz (de novo) vacilar e se colocar em perigo, logo, abro os meus olhos e a escuridão a protege novamente...

SUPERAÇÃO DA ALMA

SUPERAÇÃO DA ALMA

fecha teus olhos
óh alma inquieta
para que não venhas
a enxergar o tanto
de mal que te cerca;

fecha teus olhos
óh alma minha
e descansas
à luz do luar
que é todo teu;

que partindo
de uma pequena estação
à luz do túnel
te sucedeu e te conduziu
ao marasmo da eterna espera;

supera
óh querida alma
o que tudo
te fizeram passar
porque você passou
e aqui ainda está;

está livre
está presente
está reluzente
em um estado de superação
que é todo teu;

e daquele breu
só tens a lembrança
que te serve como combustível
para seguir em teu caminho
de superações e conquistas;

óh alma artista
alma minha és puro desejo
és total desapego a tudo
que tantas pessoas depositam
valores absurdos e desnecessários;

tens
pois
o meu respeito
óh alma minha
de superações constantes;

tens
o meu afago
porque até em tuas desilusões
estivemos juntos nos apoiando
e vencendo sempre com passos firmes
e olhares focados no porvir;

Até que, enfim, alcançamos a vitória
numa guerra fria que, com gritos silenciosos,
foi aos poucos minando o nosso caminho,
mas contigo... sempre juntos!

Óh, alma destemida,
fomos encontrando as devidas saídas,
e nada de grave nos aconteceu:
vencemos o breu, a escuridão tão homicida,
e hoje gozamos da calma:

hoje a paz é a nossa guarida...

DEUSA DO OLIMPÍADES

DEUSA DO OLIMPÍADES

vim do *Olimpíades*:

de lá trouxe experiências divinais

que meros mortais jamais entenderão

contudo, não posso negar que tudo arde em meu coração...

De Poseidon ouvi palavras sublimes que se revelaram nobres diante do tanto de desejo que inundou a minha mente, que se encontrou ausente de si mesma entregue por inteira à magnificência daquele lugar...

De Hades, deus do submundo;

De Poseidon, deus dos mares;

De Zeus, deus do céu;

Sendo todos eles filhos de Cronos e de Rea: ao DEUS MAIOR! Imortal...

Sem fingimentos;

sem fidelidades do tipo de Jó;

Sem traições do tipo de Judas;

observei tudo que acontecera sem filtros e sem falar besteiras: pois, me disseram que um... JESUS morreu numa cruz sem que devesse coisa alguma;

E para as trindades (divinas e satânicas) um débito gigantesco se criou e, a partir da sua ressurreição (que disseram ter sido depois de três dias da sua partida), todos os humanos ele livrou aumentando ainda mais a importância da palavra AMOR, e deixando todos os reinos, naturais e sobrenaturais, confusos e jogados aos revezes criados por eles mesmos: uma guerra espiritual se iniciou (até hoje não há vencedor);

não quis sequer procurar por alguém semelhante ao tal Jó, e muito menos ao famigerado Judas, que disseram estar de pé ante à estátua do deus-maior que lá habita e não tem dó, porém, gente como o tal apenas fica à espreita: traidor fatal! Fiquei sem entender uma gama de coisas;

numa cama pontiaguda me vi deitado sem machucados aparentes e em minha frente avistei-a, sublime(...): Atena ? deusa linda ? suprema... antes de me encontrar diretamente com Zeus ? aquele que nem liga para os ateus, e ainda brinca com os seus, pois, dele tudo se formou e para

ele tudo se voltará um dia, (sei lá... se um tal de Cronos aparecerá...);

Atena me conduziu à beira de um rio onde deusas-ninfas estavam a se banhar: "nada demais", além de corpos esplendidos e olhares cortantes, que me puseram num lugar que parecia ser especial: como um brinquedo numa estante fui bem posicionado, e nada pude fazer para evitar, quer dizer, nem queria mesmo...

Dentre as deusas-ninfas uma se destacou (morena, bela, cheia de amor):

"sem nome!";

"sem roupa!";

"sem cor!"

Era ela ? pura ? banhada de amor: cheirando à natureza tão bela, que dos seus cabelos à terra me fez transcender em clamor, desejo, paixão... fiquei cheio de Etc. no coração:

lábios trêmulos;

pele com arrepios;

vazio do meu eu terreno;

cheio do meu eu devaneístico;

ali, à beira do dito rio, a deusa-ninfa me beijou...

não me disse seu nome;

não compartilhamos uma palavra sequer;

nem "trocamos telefone";

e do seu pé até o mais alto céu do seu olhar pudemos vivenciar uma experiência ímpar de um jeito só nosso... naquele lugar... sem tempo a nos limitar... ela e eu a nos amar...

deusa-ninfa, morena linda és...

e agora estou contigo em meio ao não dito por ti

e ao que eu nunca pensei em viver:

és deusa do *Olympus*;

que de Zeus partira sem dor;

que de Atena a ordem recebeu;

de me encher com o teu amor, assim, se sucedeu...

deusa-ninfa, morena linda és...

ainda que não saibas;

estou diante de ti ? sem revés;

para te retribuir o todo amor teu por mim...

que, de Zeus e Atena, com palavras pequenas de Poseidon, que me ajudaram;
que me guiaram até você;
te aceito com a minh'alma pequena;
pois, tu és deusa-ninfa, e eu sou homem falho, mas com alma plena;

pequeno e limitado, mas capaz de te amar
e de te ter sempre ao meu lado,
te retribuindo todo esse carinho por mim
e ainda, te deixando descansar a cabeça no ombro cansado;

deusa-ninfa dos meus sonhos: que se tornou, enfim, real;
hoje te tenho em meus braços, e tu me tens em tuas mãos;
agora, podes me guiar para onde quiseres;
e eu irei sem reclamar, e nem puxarei a minha mão;

deusa-ninfa do *Olimpíades*: te aceito do jeito que és;
não quero que mudes por mim;
pois, encontrei em ti tudo que sempre procurei e, agora;
quero seguir ao teu lado;

amando e sendo amado;
porque sei, deusa-ninfa, morena linda(...):
que eu sempre estarei ao teu lado;
te amando nesta cama pontiaguda deitado...

SARA VIDA

SARA VIDA

Falar "te amo" é muito fácil, e logo diante de uma lua igual a esta que dita todo o compasso de um jeito só seu, e sem dar o mínimo direito de bloquear sequer o seu reflexo: nexos em versos? Poesia viva! Sarando vidas num ritmo frenético!

Na
alma
a
esperança
perdida...

Sara vida;
Vida sara;
Coisa linda de se ver;
Na tua trajetória coisa assim acontecer...

Sara por necessidade;
Vida de ansiedade;
Às vezes, difícil de se perceber;
Na tua trajetória coisa assim acontecer...

Vencedora seguiu sendo em sonho;
O que na realidade nunca conseguiu ser: ledo engano;
Natureza humana em um desumano proceder;
Coisa que até a fez tentar desaparecer...

Tendo a sua vida sarada de todas as feridas;
Apenas lhe faltava na alma a esperança outrora perdida;
De quem sempre lutou para vencer todas as suas batalhas;
Em sua mente apenas lembranças quentes daquela guerra fria...

Mundo: sara vida;

Surdo: por necessidade;

Mudo: por carência;

Poço: de incredulidade;

Fundo: porém, limitado;

Perdição: possível de ser evitada;

Eterna: chance de sobrevivência;

Fugir: de todos os males que te deixa apavorado;

Pois: tudo que te persegue;

Enquanto: você dorme, acorda, e tenta, e tenta, e tenta...

Tens: a total condição de mudar tudo ao teu favor, te ergue(!);

Tempo: pois, é nele que está o teu apoio, a tua vitória com ele virá... Diga:

diga, pois, tu:

passa tempo;

tempo passa;

brisa calma a nos acalmar... nos levando a repensar...

Vento calmo:

que nos acalma a alma... nos fazendo descansar...

E que nos conduz a outro caminho: virei à direita e me deparei com outro mundo ? abismo profundo que de pouco a pouco vai sucumbindo a alma e, no mais, o que fica é uma calma fingida, provisoriamente arquitetada para o engano: estático, permissível, porém, não me abstive, não me eximi, não me coloquei frente à dificuldade de uma forma derrotada... em casa... percebi:

azulejos

reluzentes

de batalhas invisíveis ? neste mundo novo me vi

revestido de uma forma incrível

e pronto para seguir neste tal: "novo caminho..."; "novo mundo..."; "novo abismo...";

na torcida de que neste suposto "NOVO" tudo seja mais feliz...

Em um caminho mágico

de decepções constantes

segue o cavaleiro
com esperanças abundantes:

Vitória!
Vitória na guerra!
Vitória!
Vitória na terra!

Que um dia me pisou;
Que um dia me humilhou;
Que um dia tudo fez
para me tornar um perdedor...

Que um dia me desafiou:
ergueu o seu escudo;
desembainhou a sua espada;
marcou carreira, e me peitou!

Disse-me que jamais eu seria um vencedor na vida:
lida;
linda;
vida!

O que antes era só profecia de derrota e perdição,
hoje se transforma em alegrias e bandeiras tremulando
das tantas conquistas jamais esperanças.
Cheguei em casa: minha guarida... venci!!!

Nos azulejos reluzentes
fui pisando devagar
para o piso não arranhar
pois clareiam tantos corações...

Tenebrosa esperança
de quem espera e "sempre alcança";
que em seu peito com coração relutante

abraça com carinho a causa pela qual se tornou amante...

Reluz, óh azulejo vívido!

Que de certo o escorrego é sempre "amigo"
para lhe deixar atento aos deslizos possíveis
e torná-lo um vencedor de batalhas invisíveis...

Vida: num mundo de azulejos reluzentes e escorregadios:

que nos cobra cuidados afio
para males maiores evitar
porque sabemos que tudo passa,
mas não precisamos ajudar a passar...

Tudo passa...

Tudo passa: diante dos nossos olhos e nada conseguimos fazer para evitar
até que, em desalento, encontramos abrigo num mais simples gesto;

Tudo passa...

Tudo passa: ao se saber que tudo que venha a ser tão aguardado torna-se possível, apenas com o
natural estado da passagem;

Tudo passa...

Tudo passa: porque tudo não passa de ponto de vista de tudo que se apresenta diante de nós
mesmos e, por isso, precisamos seguir em frente... também passando;

Foi numa dessas "passagens" que cheguei àquele rio:

rio bonito;
rio profundo;
de uma reflexão em si partiu a dar alma ao mundo...

No fundo daquele rio avistei-a reflexiva: lá estava ela...

cheia de graça e bela;
transbordando de felicidades;
mesmo sobrevivendo em meio a tantas maldades.

Era ela:

a vida;
sarada;

bem-vinda!

[de repente]

Névoa acima;
escuridão abaixo;
solidude e calma;
a faz resistir... sem fracasso...

Há beleza no fundo daquele rio...
que de tempos em tempos se revela vazio
para, outrora passada a devida fase,
retorne com gosto a encher-se com vaidade...

A vida se revela mórbida nele...
se assemelha às lesmas de canto de marés:
que, de tempos em tempos, se renovam!
Entre secas e enchentes sempre estão presentes...

Ainda nele: ela passa a contemplar o céu,
Que, de tão belo, refletiu-se em seus olhos a levando numa morada de paz... tranquilidade
representativamente dirigida a si mesma, que sempre desejou viver; ter...
Compartilhadamente segue vivenciando o tudo que a ela se apresentou e, de repente:

? No lugar da estrela maior que sempre brilhou em mim
hoje se encontra a saudade que resultou de ti...
Isso por sempre ter me permitido ser tudo que já consegui ser:
o tempo é chegado para mim... preciso ir... pois, sou vida e preciso seguir...

Reflete, óh, nuvem sem luz própria!
A luz que da Lua em ti bate
e cria uma grande confusão nos olhos
de quem da terra te olha
esperando alguma solução...

Sara vida;
Vida sara;

Realizações...

Mundo de sonhos;

Aguardando o fim das suas desilusões...

Sara Vida;

Vida sara;

Já podes descansar...

Pois, o NOVO, sempre presente, estará a te sarar...

A POESIA NASCE NA ESCOLA

A POESIA NASCE NA ESCOLA

A poesia nasce na escola:
como isso funciona mesmo
na verdade, não sei explicar muito bem.

Mas, ela nasce na escola do jeito que a vislumbrei...
ela escorre pelo rosto de quem a deixa penetrar no mais íntimo do seu ser
e alí fazer morada...

A poesia parte de dentro:
de dentro dos corações que jamais se permitem não serem enganados
pelo amor que dizem sentir mesmo nunca o tendo provado. Retalhos de sentimento...

[Amor latente... Poesia, não!]

A poesia nasce na escola:
de que tipo de escola estamos falando,
na verdade, não sei explicar muito bem, mas é daí que ela nasce...

do mundo;
do universo;
arrisco até dizer que há um multiverso envolvido com o fazer poético: ético com ou sem nexos... a
escola é muito ampla...

de uma Terra que com terra
se guarda seus habitantes para se renovar
a cada fase de transição da sua própria existência.

A poesia é realmente uma coisa muito sublime... completude...
A morte é realmente uma coisa muito curiosa... passagem...

Corpos que se vão...

Mentes que se encerram...

Corações que param seus: tum, tum... tum, tum... tum, tum...

Batimentos de uma escola que se renova no amanhecer de cada solidão,
que guardada em si remete ao outro a sua imensidão de sonhos, de sentimentos...
frustrações...

Por isso que a poesia nasce na escola:

na escola da vida que se nega a viver o que a ela foi dirigida

e que sai em busca de formas que a tornem um pouco, fingidamente, mais feliz.

E que em tantos momentos

se transfigura em alegrias, e que

de felicidade em felicidade segue falseando

a sua própria realidade sempre mapeada em um

emaranhado de contradições, que a faz apenas seguir

o seu caminho numa busca cíclica, e despedidas, e reencontros, vanguardista...

[Quer dizer então que a escola nos faz poetas?]

Nem sempre estar na escola é fazer poesia, mas, às vezes, estar presente é ser a própria poesia,
que surge em tempo hábil para saciar uma sede; matar uma fome; curar uma doença e, até
mesmo, dar a alguém um nome...

[Pelo poder da poesia tudo se cria e a inexistência é irreal.]

A poesia: a pura existência do ser para poder estar;

Do querer: para poder conquistar;

E assim fazer nascer a si mesma inabalável... metafísica(...)!

Uma ciclossituacionalidade capaz de nos permitir sermos indivíduos criados para criar:

se é verdade que a poesia nasce na escola;

se é verdade que a escola é o mundo;

se é verdade que a vida é reprodutora da poesia;

e que nela o ciclo se completa numa perfeição sem igual;

e que a poesia reproduz a vida

e dela se origina uma lágrima tímida nos cantinhos dos olhos....

Quero ser aluno! Poesia;
Quero ser poeta! Vida minha;
Quero ser deste mundo! Terra querida;
Quero ter vida! Para poder gerar a vida...

[Quero fazer parte deste ciclo e, dele, fazer outro se formar. E será "vida que segue".]

se a poesia nasce na escola;
nela, então, quero permanecer;
fazer arder em mim a força da palavra;
fazer valer o poder do querer...

Sentir em mim o frescor da palavra sensível:
e, no final de tudo isso, simplesmente,
seguir aprendendo... aluno sempre sendo, e vivendo: POESIA!

TANTAS VEZES

TANTAS VEZES

Tantas vezes olhei para dentro de mim e vi você
incompleta e indefesa: liberdade...

Tantas vezes olhei para dentro de você e me vi
incompleto e indefeso: eternidade...

Diante de Deus! Que dizem existir
sigo sem entender o tudo que há em mim,
mas entender para que se tudo não passa de que mera...
tudo não passa de conflitos que, vindos de dentro, apenas me deixam ainda mais frustrado.

Tantas vezes olhei tentando encontrar soluções para todos eles: para todos os meus *eus*
conflitantes em mim mesmo;
que sucumbem aos poucos o todo, e o tudo, de sonhos e desejos intermitentes que partem de mim
mesmo: desabafos; desapegos...

Liberdade falseada, e mascarada, indo em direção ao nada buscando completar-se com o que há
de mais vazio, frio... Um pequeno rio é avistado e em sua borda me peguei a descansar... refletir...

Eternidade temporária de desejos inviáveis às condições que disponho nesse momento pandêmico
de variáveis indisponibilidades, inconclusivos pensamentos que conflitam com os tantos momentos
de sonhos a serem realizados.

Pandêmica necessidade de ressurgir das cinzas semelhantemente à Fênix, que, "mitológica ou
não", nos prova o quanto é possível essa tal: superação...

Tantas vezes precisei de ajuda: de guarida;
de uma palavra amiga;
Nunca as tive!
Ninguém jamais parou para me ouvir
e entender-me como realmente eu precisava que o fizessem.

Palavras não são ditas por mero ato de fala:

sempre há algo a ser abstraído e o não dito estará presente
e disponível às interpretações mais diversas. Desconexas, às vezes, porém, necessárias.

Palavras não voltam vazias e sempre deixam suas marcas:
é uma "marca d'água" sempre presente como plano de fundo
de um ciclo comunicacional rotativo e variado, contudo, necessário...

Tantas vezes discutiu-se isso;
Tantas vezes desconsiderou-se isso;
E agora, portanto, só nos restam cobranças...

Pandêmica necessidade de ressurgir das cinzas semelhantemente à Fênix, que, mitológica ou não,
nos prova o quanto é possível essa tal: superação...

PARTINDO DE VOCÊ

PARTINDO DE VOCÊ

Me calo:

apenas para te ouvir
sussurrar em meu ouvido
palavras ternas de amor...

"Não que eu acredite em sua existência",
mas é que partindo de você
tudo é tão diferente...
tão verdadeiro... que "nem preciso de crença..."

Me calo:

apenas para te ver sorrir
depois de dizer para mim
o todo que há em ti. Do teu jeito...

Não que você
se resuma a tudo isso,
mas é que isso tudo
me diz muito sobre você...

Me calo:

Porque tuas simples palavras
sussurradas com tanta sensualidade e melodia
me fazem cogitar um futuro
(de prazeres...) sem igual...

Não que você seja assim...

simplicidade..., mas é que a simplicidade lhe cai tão bem
que não vejo outra opção, senão a de permanecer calado
e, com cuidado, continuar a observar você: meu bem querer!

ESTADO DE GUERRA

ESTADO DE GUERRA

Não há amor na guerra?

Então, que não se inventasse a vida

porque o viver é estar sempre

num estado de guerra...

SOMOS POEIRA CÓSMICA - (parte: 1/4)

SOMOS POEIRA CÓSMICA

(parte: 1/4)

Poeiras ao vento...

Palavras ao vento...

Cabeça vazia...

Puro sentimento...

Vida vazia e solidão constante

que esvaziam o sentido do ser:

existir já não é mais válido diante dos conflitos

que percebemos viver;

dispor de tudo que nos rodeia não nos faz completos em nós mesmos se tudo que desejamos é apenas um colo amigo para nos confortar a cabeça:

sonhos;

o universo;

infindos...

Restos de uma guerra de astros: sublime...

Que, como resultado, deu-nos a existir: "eternos..."

Somos o resto de tudo que lá se passou

no infinito que não conhecemos e que nos armou

um plano perfeito de existência

que nos permitiu surgir,

e agora o que temos de nada nos vale,

se só pensamos em resistir...

SOMOS POEIRA CÓSMICA - (parte: 2/4)

SOMOS POEIRA CÓSMICA

(parte: 2/4)

Da natureza somos o resultado menos coerente,
que, da busca pelo devido espaço, nem tudo é pertinente,
pois se deu a entender que a nós criou:
inconsequentes...

Somos resultado do desconhecido
que por longos anos se perdeu
em sua própria guerra e fez-nos capazes
de sabermos o que nos aconteceu...

poeiras ao vento...
que, com meras palavras, não é possível de se explicar,
mas, com muito esforço podemos entender que tudo podemos conquistar:
o que pensamos;
o que somos;
e sonhamos;
é tudo dependente do nosso caminhar.

Somos poeira cósmica...
Resultados da guerra de um universo... Irresponsáveis!

Que nos deu uma vida, mas não nos mostrou os meios de mantê-la estável...
em segurança... E o que recebemos como recompensa (por existirmos)?
A morte! Que nos confirma o quão sensível somos diante de todo o resto que criamos:

Da existência à morte;
Da morte à eternidade;
Em um ciclo consequencial capaz de nos conduzir à vida eterna sem vida terrena:
obviamente findada por qualquer coisa maior ou mais forte do que ela mesma...

SOMOS POEIRA CÓSMICA - (parte: 3/4)

SOMOS POEIRA CÓSMICA

(parte: 3/4)

de tudo que já ouvi:

"Somos especiais"

foi o que mais me confundiu;

por tudo que já vivi:

"você é um vencedor"

foi o que mais me motivou;

de tudo que sofri:

o escapar da morte por algumas vezes

foi o que mais me estimulou...

[se somos o que até agora me disseram, então, tudo que vivi não deveria valer...]

poeiras ao vento...

e conspirações cósmicas...

na verdade, não fazem sentido!

Se tudo que temos, na realidade,

não possuem valor algum,

como entender?

Palavras ao vento...

soltas... sem nada a dizer...

na verdade, não fazem sentido!

Somos o resultado

de um trabalho tão perfeito

que até o melhor engenheiro

se confunde ao tentar entendê-lo:

da vida temos guarida;
dela ganhamos força
para a ela mesma gerar (de novo)...

Num ciclo infindo
de reprodução (sem fim):
de uma espécie que, de repente:
surge, e que, de igual modo,
se repete; e se propaga; e alastra(!);
por esse mundo de ilusões infindas...

Que, como se não bastasse, dá poderes de criação
a quem sequer consegue se manter puro,
com mansidão e a devida paz em seu coração...

SOMOS POEIRA CÓSMICA - (parte: 4/4)

SOMOS POEIRA CÓSMICA

(parte: 4/4)

Pensamos tanto que somos tantas coisas,
e no final de tudo nos enganamos...

Uma simples pedra no nosso caminho
pode nos provar o quão fracos na vida somos,
quando pensamos sermos dominadores de tudo,
todo o resto se volta contra nós mesmos;

da porta de trás de casa encarei uma estrela...
lá no mais alto que pude olhar naquele momento: frieza... melancolia e tristeza...

de gotas que caíam suave batendo nas folhas,
que pareciam chorar nas árvores que, como numa linda canção, mais pareciam me ninar;

um pequeno arranhão pode infeccionar,
e daí... frustração...
uma pequena dor de cabeça pode ser fatal,
e então... comoção...

Até respirar errado pode romper a relação com uma vida saudável...
conclusão? O NADA; O TUDO; jamais temos o real controle das coisas;
palavras ao vento...
poeiras ao vento...
vida de correria, que vive buscando alento...

Somos meras poeiras diante do multiverso de possibilidades que nos rodeia e nos aflige
constantemente a alma, mas que também nos acalma levando-nos a refletir: estamos vivos...
podemos resistir e seguir tentando... buscando... vivendo sonhando com realizações. Tudo isto nos
serve como combustível: até quando?

Não sei! Acho que nem quero tal resposta...

Pensamentos repentinos se passaram sobre todas as situações que discutimos desde o início e, de repente, me pego em devaneios (cada vez mais constantes):

O que somos? (;)

Qual é a nossa missão aqui? (;)

E depois... Para onde vamos? (!)

Um "meio-despero" me bate à porta e, descalço, dirijo-me a atendê-la: não era ninguém. O nada, o tudo, o ninguém sempre são alguma coisa a gente que não entende, a gente que não consegue enxergar, mas, o nada, o tudo e o ninguém sempre estiveram diante dos nossos olhos e nós preferimos cegar para eles. Contudo, da porta de trás de casa continuei a encarar uma estrela... lá no mais alto que pude olhar naquele momento: frieza... melancolia e tristeza...

De repente, uma nuvem escura ofusca o brilho da minha amiga estrela...

Apagou-se!

Logo pensei:

assim é a nossa vida aqui... um brilho tímido, solitário, que do nada, apaga-se!

POETAS NÃO LAMENTAM EM VÃO

POETAS NÃO LAMENTAM EM VÃO

O poeta lamenta;
chora;
implora...

não por atenção;
não por fama;
não por glória!

E sim, pelo direito de poetizar;
de ser, e até de estar: ausente, presente;
mas, sempre, em algum lugar...

não precisa ser seu;
não precisa ser confortável;
não precisa, sequer, ser bem iluminado...

O poeta lamenta;
chora;
implora...

não por riqueza;
não por nobreza;
não por destaque!

E sim, pelo singelo *status* de ser poeta;
de escrever e de declamar toda a sua poética;
rodeado de ouvidos atentos a lhe escutar...

O lamento de um poeta não é mera coisa de se ver, nele há uma carga de poder capaz de mover o mundo seja ele real ou fictício. A poesia move o mundo: ela está no mundo; ela é o mundo!

Poetas não lamentam em vão: eles se permitem entristecerem-se para poder chegar no mais profundo abismo do ser de um alguém e de lá retirá-lo. Nadando de braçadas rumo ao Além-Mar de possibilidades infinitas e de alegrias incontáveis... não fingidas...

Poetas não choram em vão: eles buscam despertar, no coração mais endurecido que venha a existir, uma gota de esperança e um sorriso tímido no cantinho da boca...

Poetas não imploram em vão: eles tentam reerguerem-se do pó ao mais alto céu, seja ele da sua própria boca ou até mesmo em um papel...

atenção;

fama;

glória;

de nada servem para o poeta que apenas enxerga em sua poesia o poder de mudar ao menos o seu próprio mundo...

riqueza;

nobreza;

destaque;

de nada servem para o poeta que apenas luta com palavras poéticas: sejam críticas; irônicas ou cômicas, contra tudo e todos que o tentam derrubar...

O lamento de um poeta tenta transformar vidas: senão todas ao menos a sua própria, que de pouco a pouco vai se perdendo em meio a tantos desabafos; tantas palavras; tantos protestos; tantos gritos silenciosos e, por vezes, silenciados...

Até calado o poeta faz poesia: seu olhar fala; sua boca titubeia; trejeitos de poeta que lho faz essência poética em si mesmo para despertar no outro o que buscara outrora fazer surgir para transcender, semelhantemente, à Fênix...

Poesia de lamento de um poeta guerreiro, que consegue ser ligeiro em suas palavras registrar: correr sorrindo; amar poetizando; lutar sem armas; apenas falando... para se apresentar à vida de um jeito só seu...

Quando um poeta lamentar perto de você agradeça-o, pois, por causa dele a poesia segue viva, ativa e sendo a diferença em resgatar outras vidas de lamentos para seguirem poetizando tudo que sempre guardaram em seus corações...

O poeta lamenta;

chora;
implora...

não por atenção;
não por fama;
não por glória!

Ele lamenta para dar vazão à vida e a ela;
Ele lamenta para dar vazão ao amor e a ele;
Ele lamenta para deixar sair de si toda a expressão de dor externando em palavras o que em emoções e sentimentos está transbordando em seu coração...

O poeta lamenta;
chora;
implora...
Segue em sua trajetória sempre a poetizar; sonhar; amar...

Poetas não lamentam em vão...
Coração: sentimentos; emoções...
Às vidas: restaurações!

A MELHOR VERSÃO DE MIM

A MELHOR VERSÃO DE MIM

Da pureza de quando criança
à curiosidade da pré-adolescência
chegando à fase da adolescência rebelde:
vivencio hoje a melhor fase de mim aos quarenta de idade;

quando criança já trabalhava para ajudar os meus:
pré-adolescente continuei, mas também estudei,
com sacrifícios aqui e alí segui resistindo a todos os desafios,
das rebeldias adolescentes aos poucos me libertei;

foco nos estudos só depois dos vinte e oito,
mas dele para frente parece que "engatei
uma tal de quinta marcha" e nos estudos me empolguei
chegando até a me graduar, coisa que sempre desejei;

De tudo que vivi;
dos caminhos que caminhei;
de tudo que fugi;
das vidas que abandonei;
hoje vivencio a melhor versão de mim...

De aventuras;
de paixões;
de amores...
tantas imperfeições: hoje vivencio um eu romântico que jamais previ!

Aventuras coloridas;
paixões proibidas;
amores impossíveis...
tantas imperfeições: hoje entendo o TUDO que testemunhei de mim mesmo!

Tantos anos...

Quatro gerações já se completam e o desejo é conseguir resistir a mais uma que neste ano se inicia: fria; perigosa; quieta; silenciosa... expectativas mil...

Tantos anos...

Houve um tempo em que o meu sonho era ter apenas completados os meus dezoito anos e poder gritar para o mundo: "sou adulto!" ? coitado de mim...

Hoje em dia prefiro calar-me e, apenas, observar os que desejam ter completados os seus dezoito anos para poderem também gritar: "sou livre!" ? coitados deles quando descobrirem o tamanho do engano lhes vendido como "sonho" ... E eu, apenas a olhar, concluo que: enganam-se os que gritam tal coisa, pois, um dia também gritei, mas descobri que neste mundo ninguém é realmente livre. A liberdade é pura utopia!

Por isso, consigo afirmar que estou vivendo a melhor fase de mim mesmo: por entender os detalhes; perceber nas entrelinhas as tantas revelações que nos permitem uma vida, minimamente, "melhorzinha"...

Na melhor fase de mim mesmo entendi:

que a depressão é real;

que o sofrer ao extremo é real;

que o desejo de tirar a própria vida é real;

Porém, nesta mesma fase pude perceber:

que é possível vencer a depressão;

que o sofrer ao extremo é limitado à capacidade de superação pessoal;

que o desejo de tirar a própria vida é vencido pelo "conhecer o amor verdadeiro";

Quatro gerações completadas com um prazer estranho em tudo que eu vivenciei: passado que fica guardado em uma mente cheia de idealizações e desejos, que mais parecem um abismo de possibilidades de felicidades e alegrias que apenas me aguardam alí na esquina das concretizações... poucas vezes consegui chegar na tal esquina... assim, sem rima, de coração aberto e liberto dos meus antigos *eus*, já não são mais meus...

Que venha, pois, a quinta geração:

descobri que estou pronto para ela

de corpo e alma contritos

e preparados para o porvir...

UMA ESTRELA ME DEU UMA POESIA

UMA ESTRELA ME DEU UMA POESIA

Uma estrela me deu uma poesia:

bonita;
singela;
dada
ao
amar
de
um
jeito
só
seu,
sublime...

Colocada à prova: a estrela se pôs a brilhar ainda mais levando-me a escrever sobre o dançar... o cantar... o imaginar... sobre o tudo que me aguarda logo alí! Num amanhecer bem próximo: tóxico? Jamais! Violento? Muito menos. Assim, uma estrela me deu uma poesia: necessária, que redime... que me tornou mais reflexivo e atento ao NADA que se provou, por meio da estrela poetisa, o quanto significa alguma coisa em mim; o NADA me tornou poeta; a poesia me acordou para outra vida; esta, por sua vez, me fez entender o quão nada eu sou; e sabendo que este mesmo nada sempre quer dizer alguma coisa

me senti orgulhoso em saber que tenho algum significado: seja lá qual for...

Uma estrela me deu uma poesia:

bonita;
singela;
dada
ao
amar
de
um
jeito
só

seu,
sublime...

Colocada à prova: se provou digna, merecedora de tal dádiva levando-me a transcender e, em êxtase, me ver diante de mim mesmo num espelho gritando palavras de ordens que me faziam ousar em "brilhar" ainda mais forte: sorte? Jamais! Jogador? Muito menos! Assim, uma estrela me deu uma poesia sofrida, mas que segue resistindo e sempre tentando... tentando... e foi "tentando" que me tornei mais forte, mais atento ao TUDO que me rodeia e que me provou, por meio da estrela poetisa, o quão cuidadoso eu preciso ser; o tudo me tornou mais forte; a poesia me acordou para a vida(!); esta, por sua vez, me fez entender o quanto o tudo foi necessário para me tornar quem hoje eu sou, e para perceber o que hoje eu sei; e sabendo que este mesmo tudo pode me significar o nada entendo que jamais alguma coisa se perde nesta vida;

Uma estrela me deu uma poesia:

bonita;
singela;
dada
ao
amar
de
um
jeito
só
seu,
sublime...

Poesia: VIDA! Dada com muito carinho e expectativas de, por meio dela mesma, outras vidas se tornarem POESIA! Seja lá: morna, quente ou fria, que, mesmo de pé frente a uma pia lave seus pratos a refletir no quão importante é para si e não para os outros, que não ceda aos tantos males que, rodeando-nos constantemente, apenas nos tenta sucumbir;

Poesia estrelada de significados diversos, que composta por versos nos leva a gozar de uma especial alegria não importando se a noite é fria e se no dia seguinte iremos trabalhar;

Estrela radiante, que nos permite sermos amantes e o verdadeiro amor experimentar: ontem, hoje ou amanhã, nem precisamos agendar, pois, o amor é ligado à estrela e ela está a nos guiar;

Brilha estrela em meu coração!

Clareia toda esta minha imensidão de desejos e sonhos que me pareceram frustrados outrora, mas que por ti foram recuperados e hoje consigo esperar: a minh'alma chora, contudo, graças a ti, hoje em dia é de esperança... ela dança, canta, poetisa, brilha por meio do teu brilho, e depois consegue dormir tranquila por se sentir segura em ti...

Uma estrela me deu uma poesia:

bonita;

singela;

dada

ao

amar

de

um

jeito

só

seu,

sublime...

EM CASA

EM CASA

Em casa deitado olhando o teto: dos meus olhos à frente avistei um horizonte como uma imensidão de palavras que me diziam coisas sem sentidos, soltas e esquecidas por pensamentos verticalizados de emoções infindas e rodeadas de possibilidades vastas.

Em casa deitado olhando pra cima: com os olhos fechados avistei ao longe uma porção encantada de desejos amistosos que me deixaram sentindo coisas presas e lembradas por uma cabeça que de pouco a pouco se perdera nas próprias ilusões infindas de desejos secretos procurando guardada.

Em casa deitado sem conseguir dormir: sentei na beira da cama e pensei em duas coisas que se completam em si olhando pra cima consigo ver coisas, olhando pra cima consigo sentir coisas, em casa é meu lugar, minha zona de conforto, meu lar. Nela eu me permito:

ousar;

sonhar;

desejar;

enxergar;

o todo que em mim há;

o tudo que em mim habita.

Nela eu me entrego aos meus *eus* mais escondidos: devaneios bobos ou não, sigo vencendo a tal depressão, que em tempos de pandemia, quarentemado em um mundo só meu, permaneço resistindo. E, assim: por meio dela eles gritam, mas sempre permanecem comigo, sou para eles abrigo.

PREMONIÇÃO

PREMONIÇÃO

De repente te vi alí
sentada à beira da calçada:
beijando o vazio;
abraçando a água;
e tocando o vento...

(...) sempre olhando em direção
àquela ponte sobre o *rio da pedra*,
que fica do lado direito de quem vai em direção
àquela pracinha onde nos conhecemos naquele dia.

[momentos depois...]

? Ame tudo que você conseguir amar antes que seja tarde demais e não consigas mais voltar!
Porque o tempo se esvai muito rápido e das coisas que ficam restam apenas *frustrações(!)* de uma
vida de desejos não vividos: *decepções(!)*.

? Amei, Como ninguém mais amou nesta vida!
Vivi tudo que consegui viver e aprendi tudo que ela mesma me ensinou...
passei por tudo e agora o meu mero querer é saber se já posso ir embora...

SAUDADE MODERNA

SAUDADE MODERNA

Nada mais é como antes: nem a saudade...

Antigamente a gente tinha o direito de ter saudade de verdade,

só que tantas coisas mudaram, e a tecnologia, então...

nada mais é como antes: nem a saudade...

[Não vejo mais árvores chorando de alegrias,
apenas cascas vazias e folhas secas caídas ao chão...]

Ter uma boa amizade: algo que nem sei se ainda existe de verdade;

Ter uma paixão: que durasse apenas aquele momento e depois que ficasse apenas nas
lembranças de tempos que deveriam permanecer no passado;

Ter um amor: sincero e capaz de ser duradouro ainda que tudo, e todos, se levantem contra ele,
mas, mesmo assim, por ter sido vivenciado, ser, então, lembrado;

[Não vejo mais pássaros cantando nos galhos verdosos
e cheios de ramos das arvores vizinhas...]

Saudades:

saudade de uma boa amizade;

saudade de uma boa paixão;

saudade de um intenso amor sincero, daqueles que revigora o coração...

A modernidade ressignificou a saudade, a amizade(...), a paixão(...), o amor(...):

nada mais é como antes, nada do que outrora o foi será de novo sequer parecido com o meu
passado um dia vivido...

nem ao menos o próximo, imagina o mais distante:

nem com o tudo que já vivi;

nem mesmo o direito de sentir saudade;

pois, a modernidade tirou-nos o prazer de dizer:

"faz tempo que não te vejo..."

[Não vejo mais leitores debaixo das árvores das praças públicas correndo o risco de pássaros "se aliviarem" em suas cabeças...]

A saudade precisa existir ativa: para que venhamos a amar continuamente;
mais intensamente;
mais intimamente;
vivenciar o amor real...

[Não ouço mais o cantar dos pássaros... das águas... das vidas... pessoas não cantam mais o amor real: idealização que parte da mente de quem sempre sonhou para si uma utopia concretizada em sua própria cabeça...]

A saudade precisa estar presente: para que venhamos a tentar sempre supri-la de um jeito satisfatório com um repertório de possibilidades infinitamente mais palpável;

[Não vejo mais pedras serem arremessadas nos lagos... pão, doce pão que adoça a minha vida de desencantos mil... nem mesmo ao doce do pão foi dada a autorização de continuar existindo satisfatoriamente, hoje até ele é engano...]

A saudade precisa ser constante: para que entendamos o tamanho da importância do outro em nossa vida: vidas sublinhadas por vidas sem linhas... arremessadas ao relento acabam se tornando "vidas de esperança" do tipo: "quem espera sempre alcança", até hoje tantas esperam... na esperança superam-se em demasia ao tentarem enxergar a vida pelo Olho de *Agamotto*...

[Não encontro mais aqueles caminhos que cabem apenas os dois pés que, com muito cuidado, andávamos neles...]

Mas, a modernidade tornou tudo um pouco mais obsoleto: estamos presos em uma plataforma que não nos deixa sentir saudade real, amizade real, paixão real, amor real, e sublime, e necessário...

Saudade moderna:

cruel e espaçosa;

que se tornou moderadora de sentimentos mesmo estando alheia às necessidades mais básicas da vida humana: nos engana, ou, nos permitimos ao engano!

Antes havia honra, hoje? Apenas tecnologias...

Saudade moderna:

teimosa e insistente;

que segue massacrando lembranças e memórias não as deixando serem lembradas em tempo hábil à vida de superações cotidianas, hoje apenas redes virtuais... redes sociais:

que não conseguem cumprir o seu papel: socializar, primordialmente, mas que, apenas, esvaziam toda a vida de si mesma até fazê-la definhar em palavras digitadas promotoras de emoções e sentimentos fabricados e descartáveis... e mutáveis como quem simplesmente resolve trocar de roupa ou irresponsavelmente apenas ficar nu: representação fútil de uma suposta utilidade da vida que, quando mal dirigida, é conduzida à perdição de si mesma.

Nada mais é como antes: nem a saudade...

antigamente a gente brincava, mas, hoje em dia brincam da gente como se fôssemos meras peças promotoras de lucros em todos os nichos que venham a existir:

tenho

saudade

de

sentir

saudade

como

antes

nos

era

permitido

Tenho vontade de vivenciar tudo de novo para ver se consigo lembrar das tantas coisas que me fizeram esquecer, colocando uma saudade fictícia no lugar da que era tão genuína;

? Nada mais é como antes ?

Saudade fabricada: substituíram uma vida passada para mascarar uma realidade cruel na qual estamos sendo inseridos aos poucos, e sem poder de escolhas;

? Nada mais é como antes ?

Não temos mais o controle das nossas vidas: ações, desejos, vontades...

perdemos o direito à privacidade, até o direito de sentir saudade inventaram de nos tomar;

? Nada mais é como antes ?

Viva à modernidade:
e a saudade?
Modernizou-se!

O PESAR DE UMA PERDA

O PESAR DE UMA PERDA

A dor da partida
jamais deve ser equiparada à alegria da chegada
porque quem chega passa a sensação
de que irá permanecer entre nós por um bom tempo,
mas, os que se vão jamais retornarão:

hei-nos, pois, de permanecermos numa posição de eternos aguardantes solitários: a esperar por quem jamais será, de novo, encontrado, visto ou esperado... Jamais tornaremos a ver, ter, sentir... sentir...

O jamais: sentir que um dia tivemos a oportunidade de usufruirmos e compartilharmos o tudo que a dita dispôs e agora apenas desejamos que o tempo retorne a nós a dita que já se fora: a perda decepciona!

O jamais: não temos uma joia do poder para manipularmos o tempo ao nosso bel prazer; querer; poder... apenas lágrimas restam para quem fica: a perda irrita!

O jamais tornou-se real e presente. Somos incapazes de reagirmos a ele, somos dele, cada um de nós ao seu tempo... Deveríamos ter aproveitado, mas, não atentamos para a possibilidade da perda:

ergam-se, agora, as cabeças perturbadas pela outrora vida alegre: vida feliz, vida vivida ao redor de quem sempre se jurou amor, paixão, tesão... esperemos, assim, a nossa vez de partir e, com isso, deixarmos aqui outras ditas a sentirem o mesmo que agora estamos a sentir: o pesar de uma perda...

LUZ DA ESTAÇÃO

LUZ DA ESTAÇÃO

Luz do dia que clareia as noites dos dias meus...
que outrora vivera em demasia de desejos, de fantasias... rias...
para acalantar um coração que é todo teu...
Um único dia para suprir todos os outros dali em diante,
não muito distante, passei a contemplar o além-mar: ar puro...

possibilidades;
expectativas;
esperanças;

não muito obstantes frustradas,
contudo, recuperadas pelos raios luminosos
que partiam dela... luz de uma estação fria...

Ali...
sei lá!

Fiquei meio ofuscado e não consegui buscar da fonte a sua origem,
Mas, dela fui abundado de satisfações, alegrias e felicidades
tão diversas que nem sequer perfilá-las eu pude, nem tentei!

Pois, sei que "nada sei";
sei que "nada posso mudar";
e que, se pudesse, talvez, nem mudaria... mudaria...

mudaria, mas sem toscanejar um só instante;
depois largaria tudo numa estante para todos que,
passando por ela e vendo-a, viessem a tê-la,
ao menos, em suas cabeças depois de lê-la...

Luz que brilha;
na escuridão de uma passarela;
daquela estação de metrô;
que vai e vem num balançar para o infinito;

lotado de corações sofridos;
de pessoas sonhadoras;
trabalhadoras e guerreiras;
que, de peito aberto, encaram os perigos diários:
e acabam sendo expressadas em palavras de poemas sem fim...

que da vida apenas aguardam;
os seus lugares em alguma sombra;
depois da correria diária;
numa cama sempre tombam;

uma luz solitária brilha;
num território só seu;
e, quando em seu tempo, se apaga;
vai refletir em tudo que lhe aconteceu;

em um dia comum: uma menina solitária sonha;
durante um sono gostoso... todo seu;
que nos tempos em que se pega acordada;
passa a refletir em tudo que lhe sucedeu;

menina crescida, solitária, busca;
durante seus dias um lugar só seu;
enquanto arruma a sua mala;
pensando em partir sem sequer dizer um "adeus";

e vai em direção à estação da luz que revigora vidas,
quando alguém para ela olha:
ela vai para somar às tantas outras
que no metrô imploram: cantam; conversam; lamentam e choram...

alguém naquele meio:
fala da luz que na estação viu;
fala dos sonhos que sempre sonhou;

ela de mala arrumada: solitária, se vai;
sem, ao menos, olhar para trás...

bem que ela poderia tentar encontrar a refração da luz
que a tentou despertar para uma condição diferente
da que a levou a caminhar...
ela passava sempre naquela estação e jamais a percebeu...

Refração: toda a esperança dirigida depois de escolher o meu próprio chão
para pisar firme com meus pés cansados;

caminhando, sigo em solitude tentando ficar sempre posicionado
de uma forma que a luz sempre em mim bata...

Não enxerguei a refração quando estava naquela estação:
a luz estava genuína sempre em direção ao coração;
eu que não a conseguia ver...

talvez, por este motivo ceguei e apenas consegui ver o que mais o meu coração desejava num
momento de desilusão: a partida!

Não enxerguei a luz de uma estação, que clareava todo o caminho por onde passei, e em cada um
deles eu deixei um pouco dos sonhos que sonhei: desilusões!

depois de tudo fui embora:
me pareci com a menina de outrora,
que sequer um adeus deixou...

falei da luz que na estação eu vi;
falei dos sonhos que sempre sonhei;
sem mala arrumada e com a solitude dentro em mim;
resolvi partir em direção ao além-mar... ar puro...

Refração de uma luz numa estação que só consegui enxergar quando me lancei de corpo e alma para onde jamais pude esperar: jamais havia pensado no que me aconteceu e, depois dali, resolvi partir em direção ao além-mar... ar puro...

Ali...
sei lá!

Pois, sei que "nada sei";
sei que "nada posso mudar";
e que, se pudesse, talvez, nem mudaria... mudaria... mudaria...

Encontrei a menina na estação central;
Sentada num banco cheia de sinal:
vergonha; desespero e dor...
com lágrimas nos olhos me chamando de "senhor"...

Sentei ao seu lado...
Até um pouco afastado para má impressão evitar:
ela me abraçou e me disse, chorando, me ensina a voltar pra casa,
por favor, estou lhe implorando...

Me tornei à refração daquela luz da estação:
aquilo que ela deixou de ver;
aquilo que eu deixei passar...

Pude me redimir ajudando-a a retornar;
Ela me ajudou fazendo-me enxergar:
que todos nós temos luz própria;
que todos nós somos carentes de direção;
que todos nós passaremos um dia;
por alguma luz de alguma estação...

e dela teremos a chance
de tudo mudar:
não implorar;
não lamentar e, apenas,
conversar;

sorrir e cantar...

de alegrias;

de felicidades;

sabendo que dali em diante

seremos luz de verdade!

PEDRAS E DESEJOS

PEDRAS E DESEJOS

Dia sim,
outro não, a gente se vê lançado
em alguma situação que nos coloca em uma condição
que jamais esperávamos estar: eu estive e não consegui evitar:

estava triste andando por um caminho sozinho de pés descalços e travado de sentimentos: alheio a todo o resto que me rodeava, quando, pego de surpresa, me deparei com nove pedras de tamanhos e tipos diversos.

[Outros restos de desentendimentos: "sentimentalismo bobo?" Acho que não!]

Seguindo o meu caminho solitário, e agora com nove pedras em minhas mãos, comecei a falar sozinho em alta voz e focar em outra situação: quando de repente lanço fora uma delas e nomeio-a com um desejo, passando, pois, dali por diante, a ser o primeiro dos meus nove representados cada um em uma pedra daquelas nove que encontrei. Nesta primeira pedra lancei minhas decepções, desejando de volta uma experiência pura de amor sincero: e continuei caminhando...

Até chegar na segunda, que me permiti vacilar em nome de algo que jamais poderia deixar passar, e joguei com gosto a pedra ao longe desejando que nela fosse todo o sofrer familiar: esta poderia ter sido a primeira, mas preferi assim mesmo deixar...

Veio a terceira e nesta eu toscanejei e deixei-a escapar (sem querer, de verdade), caindo bem próxima ao meu pé direito resolvi ali mesmo deixá-la desejando que com ela permanecesse a cicatriz da minha perna esquerda e, com isso, as minhas raízes viria (de novo) reencontrar...

Eita! Na quarta começou a chover e eu a correr acabei por escorregar, então, na lama uma caiu e eu bem perto de um rio comecei a me lembrar da infância que um dia vivi e esta pedra (na lama) resolvi deixar: esta quarta me custou bem cara porque muitos traumas me lembrou, e me acabou se tornando rara, me jogando tantas coisas na cara. Contudo, eu, insistentemente, resolvi seguir, e, me arrastando entre lamas e matos secos e escorregadios, consegui chegar num beco logo depois daquele rio: escuro, mórbido e, necromanticamente, atraente à alma mais atormentada que venha a existir neste mundo de desilusões constantes, assim, resolvi deixar cair, meio que "sem querer", a dita quinta pedra da minha mão trêmula, bem ali para que todas as coisas que me tentaram puxar para a escuridão parassem naquele exato ponto me deixando seguir em paz neste torrão. E aqui é revelado o meu quinto desejo: paz na vida e muito sossego... que mesmo com medos eu consiga resistir: seguindo em minha caminhada até o porvir... tornando-se, então, o mais desafiador, e

ponha "dor" nisso tudo.

Fiquei um tempo "surdo" e sem poder ouvir acabei ficando "mudo" seguindo o meu caminho devagar: a me arrastar; arranhar; arriscar demais ao ponto de, lacrimejando os olhos e "poeiras" a evitar, gritar o mais alto possível para poder conseguir ser visto em meio a uma multidão de sentimentos avassaladores que me tomavam naquele momento tenso... conturbado... "? que aperreio de vida danado..."

Sucumbindo por dentro: foi assim, devagar, que acabei chegando na sexta pedra, depois de uma batalha intensa e, internamente, violenta contra o que... "nem quero lembrar mais", entidade voraz! Que me assustou e me fez parar, pois, vi tanta gente que já se fora, que até pensei ter ido também para um plano não terreno que agora acho que não me convém, assim, um novo (antigo) desejo saiu meio que "sem intenção" da minha boca, até de uma forma meio tosca, mas não me neguei de assim o fazer: entender o "além mar": representativo no mais amplo estado da pós existência deste plano "real", que, de tão desafiador, acabou se tornando banal e meramente passageiro em seu subverso estado de existência plena, que pena... na alma: devaneios!

Vida e morte sem desesperos e choramingos por serem, inevitavelmente, complementares uma da outra... outra(o): palavra de neutralidade e indefinição, mas que representa algo tão importante para uma boa convivência, uma busca por união, como a lembrança de um outro irmão. E foi nesta discussão que resolvi, por conta própria, deixar a sétima pedra bem do lado desta sexta e de cara externei o tal desejo que nela ficaria registrado: seguir vivendo a empatia e do mal viver sempre afastado... atrasando o próprio caminho para deixar males maiores passarem sem que me firam, sequer me vejam...

Quando me dei conta estava apenas com duas pedras em minha mão e do caminho já nem me lembrava mais: tudo ficou muito claro, havia luz demais, e para trás nem conseguia olhar. Os tais 'males' realmente passaram e me deixaram seguir em meu caminho, então, segui em frente sem nenhuma pedra deixar, mas, só até certo ponto, pois, mais à frente me vi de frente a uma coisa que me fez repensar: chegou a hora da oitava pedra deixar. Contudo, não a soltei de qualquer jeito, pois, precisava de carinho, precisava de apreço e de tranquilidade para um possível recomeço... (? a famigerada "volta por cima": de que é melhor nem comentar...) e ali a dita pedra iria ficar... antes disso: descansei da caminhada porque fora muito cansativa e, depois de um cochilo, quase que vacilei com a última pedra, porém, a segurei a tempo não a deixando cair: ela representava uma criança que para mim se pôs a sorrir, logo, muito envolvido, me vi permitido a ter a obrigação de cuidar dela com o máximo de atenção, muito afago e respeito à vida ? puro coração ? pura intenção: uma imensidão de sentimentos puros! Depois de um tempo:

assim, bem devagar, fui descendo a mão de encontro à terra:

cavei um buraco com cuidado;

forrei um lugar agradável deixando-a confortável;

e ali a oitava pedra coloquei representando a esperança;

afagando-a com a terra morna, e deixando-a respirar bem, fiquei ali de vigia desejando-a paz e muita proteção para a vida...

Depois disso, e ainda ali sentado de vigia, a nona pedra guardei porque foi nela que resolvi depositar todas as minhas lembranças, e, como um *back-up*, decidi deixar tudo guardado: amparo em meio a desesperos e desilusões. Uma restauração de ânimo sobre tudo que vivenciei:

decepções: desejando de volta uma experiência pura de amor sincero;

sofrer familiar: porque me fez ser quem hoje eu me tornei;

a cicatriz: por ser parte de uma fase da vida que me fora inevitável, porém, útil ao crescimento pessoal;

traumas, como resultados do NADA e do TUDO que vivenciei em minha trajetória, às vezes simples outras, não, contudo, ingloria;

paz na vida e muito sossego: sendo, pois, um puro desejo de viver da melhor maneira possível;

entender o "além mar": porque, de verdade, tudo aqui é transitório, ainda que com um repertório digno de respeito no caminhar;

seguir vivendo a empatia e do mal viver sempre afastado: por ser a melhor forma de se ter "uma vida plenamente feliz e dos males sempre afastado";

esperança: porque ela é o combustível capaz de nos manter de pé;

Nona pedra carregada de emoções, apegos e sonhos: porque nas lembranças de tudo que vivi posso dizer, com certeza, que hoje sou uma pessoa feliz. Mesmo que ninguém consiga ver esta tal "felicidade", mas, é que ninguém precisa vê-la mesmo... ela é minha e eu a quero vivenciar, sorrir, correr, gritar(...), apenas, ainda que a venha compartilhar depois, não preciso que saibam que a consegui: vivê-la intensamente já me satisfaz, e entendê-la já sou capaz, então, não preciso de afirmações alheias a algo que conquistei. Amei... amo... amarei... distante de tudo e de todos que apenas desprezos observei ao se dirigirem a mim: sobre tudo isto sou SOLITUDE!

[As felicidades são minhas e os seus preços já paguei (ainda os pago, e os pagarei)!]

Eis que vejo uma luz fulgurante surgindo lá no horizonte me transmitindo a PAZ tão desejada: reluz, óh, VIDA minha! Aquieta-te ante à vitória muito esperada por ti mesma, que, de tão bela, tornou-se virtuosa em sua plena existência e, vigorosamente, à esperança guardada em *back-up*, que em tempo hábil virá outra vez habitar o teu coração.

A PALAVRA SINCERA

A PALAVRA SINCERA

Sempre tentei ser esperançoso;
no sentido de jamais negar esforço;
de (jamais) permanecer no poço;
das tantas amarguras da vida;

aprendi a não dizer "nunca";
às tantas coisas que sempre pensei
serem distantes de mim;

assim...

Tentei escrever uma poesia para ela;
não precisava ser bonita;
contanto que fosse singela;

eu só queria dizer que a amava;
de provas nem precisava;
apenas da palavra sincera;

daquela que abre sorriso;
da que faz oferecer ombro amigo;
do tipo que acalanta o coração;
e dá à alma um puro e merecido descanso;

tentei...

À vida dirijo minha atenção;
com atitudes várias no coração;
fugindo sempre da desilusão;
carregando comigo toda a emoção;

tentei...

Para ela dedico hoje
o que lá atrás eu busquei,
e ainda demorei,
mas, consegui escrever para ela uma poesia:

eu só queria dizer que a amava;
de provas nem precisava;
apenas da palavra sincera;

palavra sincera que revela o quanto eu preciso dela;
a tal "palavra sincera" é o amor:
à vida dedico toda a minha palavra sincera: o meu amor...

com esforço;
com pavor;

receoso, porém, por não saber das consequências em lhe escrever,
partindo da alma, versos que expressam todo o meu cuidado, carinho e atenção:
à vida dedico toda a minha palavra sincera: o meu amor...

A ela, pois, me derramo com noção das minhas atitudes,
na esperança de tê-la plena,
e deitada em meus braços:

à vida com carinho!
Para ela que é tão singela quanto uma flor
repito com muito fervor: a você dedico toda a minha palavra sincera... o meu amor...

Vida linda dos meus sonhos venha comigo viver
e verás em nossas vidas
a palavra sincera permanecer:

amor ? palavra linda que a poesia guardou

como um trunfo para nos dominar
e eu... eu apenas tentei...

Tentei escrever uma poesia para ela;
não precisava ser bonita;
contanto que fosse singela;

a poesia era ela;
que se revelou à vida;
que desejamos um dia viver;

e hoje esta vida, que é a poesia,
em nós há de (sempre) permanecer...

NOVA FASE NO MESMO CAMINHO

nova fase
no mesmo caminho
depois de um bom tempo distante
retorno aqui "entre espinhos"
espinhos pandêmicos
que insistem em permanecerem
furando e perfurando
os corações mais otimistas
que as possibilidades
permitem assim os serem
"meu lado poético"

(...)

de palavras sem fim
de tantos afins
que não consigo enumerá-los
apenas vivenciá-los
e seguir compartilhando
para gerar alívios
sendo também aliviado
pelos "outros lados poéticos"
desta pandêmica fase insistente
e gritantemente desoladora
improviso aqui este poema
e não o utilizarei em outro lugar
aqui ele ficará
como forma de desabafo
em meio a tantos dilemas
com trato no fino trato
de se tratar a poesia
em tempos de pandemia
"nosso lado poético"

imagético

estático

Nosso super-herói

salvador nos dias atrozés

e ferozes

e furiosos

e tensos

desarmônicos em demasia

repletos de madrugadas frias

torço que esta Pandemia

se vá e nos deixe em paz

e assim poderemos seguir

nossas fases diversas

neste mesmo caminho

que é a VIDA!